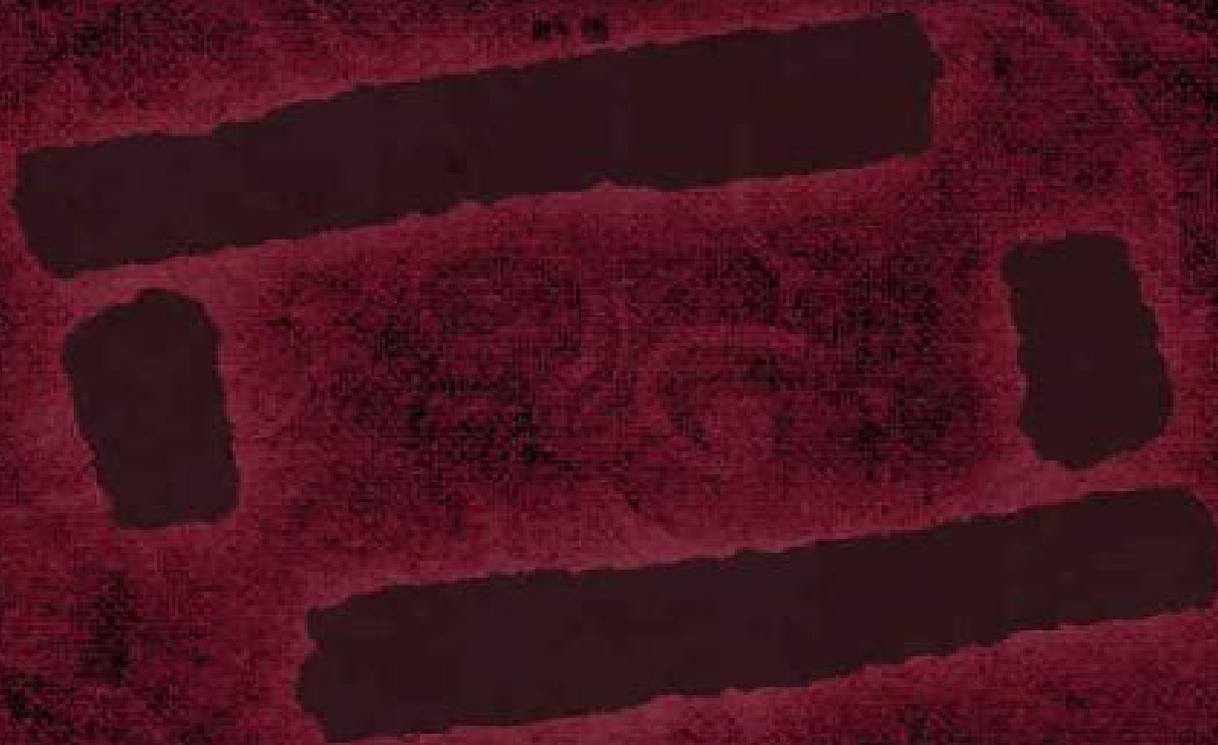


OS ARQUIVOS PERDIDOS



A ÚLTIMA DEFESA



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A ÚLTIMA DEFESA

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



COPYRIGHT © 2016 BY PITTACUS LORE

Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

The Lost Files: The Last Defense

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

André Marinho

REVISÃO DE EPUB

Bruna Cezário

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0088-5

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Sobre o autor

Conheça os livros da série

Leia também

CAPÍTULO UM

O Escumador mog passa sobre Ashwood Estates e dispara na direção do horizonte. Seis, Marina e Adam estão a bordo. Um bando de garotos — adolescentes, tecnicamente, mas para mim ainda são crianças — prontos para atravessar o continente em busca de um lugar chamado Santuário. Eles só sabem da sua existência porque há muitos anos, durante uma das muitas falhas na minha memória, eu contei aos mogs que era importante para o futuro dos Iorienos.

Espero, pelo bem de todos nós, que seja verdade. A Terra está enfrentando uma invasão, e precisamos de toda a ajuda que conseguirmos.

Ando quebrando a cabeça tentando me lembrar de qualquer outra informação sobre esse lugar que, ao que parece, é tão importante para os Iorienos. Qualquer detalhe que seja. Mas eu não me lembro de nada, e não posso gastar tempo recuperando essas lembranças. Tenho muito mais coisas com que me preocupar. A mais importante delas é meu filho, Sam, que está se colocando em perigo. Mais uma vez. Está prestes a seguir para Nova York com John, Nove e alguns dos agentes do FBI que se juntaram a nós para deter um político corrupto e expor a ameaça mogadoriana.

Enquanto observo o Escumador desaparecer diante do sol da manhã, me pergunto que tipo de pai deixa seu único filho se envolver em tanta violência e morte. Fico perdido nesse pensamento, sem encontrar uma resposta, até a voz de John Smith interromper meu transe.

— Caramba, isso aqui parece uma zona de guerra. Achei que tivéssemos apagado a maior parte dos incêndios na noite passada.

Eu me viro e o vejo batendo o pé com força na grama esturricada, um fio de fumaça saindo pelos lados do sapato. Atrás dele está a casa da infância de Adam, as janelas da frente quebradas durante a luta de ontem. Tornou-se nossa base de operações improvisada.

— Acho que a reforma que vocês fizeram é uma melhoria — digo, então aponto mais para o final da quadra, para uma construção que foi demolida. — Sempre detestei essas casas pré-fabricadas.

Estou tentando manter um clima leve para esconder a preocupação com tudo o que está por vir. Tentando parecer corajoso.

— Se eu fosse vocês, também não me importaria em ver isso aqui em chamas.

Ele fixa os olhos nos meus e sorri, mas percebo que está me avaliando. Como líder informal dos loriens, John deve achar que precisa cuidar de todo mundo. E faz algum sentido que ele esteja de olho em mim. Não muito tempo antes, eu estava preso nas instalações muito abaixo de nossos pés — os túneis, os laboratórios de pesquisa e as mesas de cirurgia que foram construídos embaixo de Ashwood, onde a brutalidade dos mogs encontrou um lugar para incubar e florescer. Se não fosse por Adam, eu teria morrido ali. Ou coisa pior. Nem imagino o que poderia ter sido “pior” no meu caso, mas não tenho dúvida de que os mogs são capazes de algo mais pavoroso do que a morte. Se alguém aqui for perder o controle, eu sou o candidato mais provável.

Ainda assim, bem lá no fundo eu me sinto péssimo, como se precisasse provar meu valor à causa. Talvez não me sentisse assim se não tivesse sido o culpado por vaziar tantos segredos lóricos aos mogs, mesmo contra minha vontade. Essa é uma das piores partes de não lembrar muita coisa da última década: tudo o que sobrou daqueles anos perdidos é traição, dor e a certeza de que minha família estava por aí sem fazer ideia do que havia acontecido comigo.

Balanço a cabeça, tentando organizar os pensamentos. Um dos efeitos colaterais da minha mente ter sido adulterada pelos mogs é que me distraio com facilidade. Tenho a tendência de ir atrás de lembranças há muito esquecidas, como se fossem coelhos no país das maravilhas.

— Acho que tem razão — respondo.

— Você devia tentar descansar um pouco — diz John, uma pequena ruga se formando entre as sobrancelhas. — Tente não trabalhar demais. Quando foi a última vez que dormiu?

— Quem precisa dormir quando se tem café e filmes caseiros mogadorianos para assistir? — pergunto com um sorriso desanimado.

Desde que tomamos o bairro, no dia anterior, venho assistindo a vídeos encontrados nos arquivos do subterrâneo de Ashwood.

— Obrigado por ajudar com isso. Quem sabe o que podemos aprender com esses registros? Você é o único aqui a quem podemos confiar assuntos dessa importância. Mesmo que a equipe de Walker esteja do nosso lado agora.

Tenho certeza de que John está fazendo um elogio, mas há algo nas entrelinhas. Talvez ele nem sequer se dê conta, mas está me lembrando de que não há espaço para mim na próxima missão. Alguém precisa ficar para trás e coletar dados, e eu sou só um velho muito bom com um rifle, não um guerreiro como eles. Meu lugar é aqui. Ele é um líder com um carisma impressionante para a idade que tem. Mas eu preciso continuar lembrando a mim mesmo de que, na verdade, ele é apenas um adolescente, num momento da vida em que deveria estar aprendendo cálculo ou química. Todos esses garotos agem como se tivessem dez anos a mais do que realmente têm (exceto, talvez, por Nove, que parece ter parado nos treze anos).

John aponta com a cabeça para um imenso falcão empoleirado em um galho de árvore.

— Os Chimæra estão patrulhando a área para o caso de os mogs perceberem que não há ninguém mandando notícias de Ashwood e decidirem investigar.

— Se os mogs estão mesmo se preparando para uma invasão, devem ter coisas mais importantes com que se preocupar do que Ashwood — pondero.

— Ainda assim, eles estão cuidando de você. Além disso... — Ele olha ao redor, certificando-se de que não há ninguém ouvindo. — Walker e a equipe dela estão nos ajudando por enquanto, mas eu me sinto melhor sabendo que os Chimæra protegerão você caso alguma coisa aconteça. Eles vão ficar por aqui até voltarmos. Sabe assoviar?

— Claro.

— Ótimo. Aquele lá, o Gamera, é seu novo guarda-costas. Se você assoviar, ele virá correndo. Ou voando, o que seja. — Ele encolhe um pouco os ombros. — Foi ideia de Sam. Ele acha que você prefere o Gamera, já que o batizou. De toda forma, mandei todos eles ficarem escondidos. Os agentes de Walker sabem o que são, mas se qualquer um aparecer, os Chimæra foram orientados a não se transformar. Quanto menos gente souber deles, melhor.

A porta da frente se abre, e Sam aparece na varanda segurando um prato cheio de discos amarelos. Um deles está pendurado em sua boca, balançando quando ele salta no gramado.

— Cara, tem waffles congelados lá dentro — conta a John enquanto mastiga. — Não sei se eram do pai do Adam, se os federais trouxeram ou sei lá, mas tem, tipo, dez caixas no freezer. — Ele balança a cabeça. — Todos esses waffles e nada de calda. Monstros!

— Legal — diz John, pegando um.

Sam se esquivava, dando meia-volta para o prato ficar fora do alcance.

— Estes são meus. Pegue os seus. E eu correria, também. Nove fica chamando os caras do FBI para uma queda de braço, e tenho

quase certeza de que Walker está prestes a sedá-lo ou coisa parecida.

John balança a cabeça e olha para mim outra vez.

— Lembre-se: basta assoviar.

Então ele entra.

— Você gostou? — pergunta Sam, o rosto iluminando. — Do assovio, quer dizer. Foi minha ideia.

— John me contou. Brilhante.

Ele sorri e estende o prato.

Levanto as sobancelhas.

— Achei que fossem seus.

— Coma uns waffles, pai. Duvido que você tenha assaltado a geladeira no meio da sua sessão noturna nos arquivos.

Como se tivesse escutado a deixa, meu estômago ronca.

— Viu? — Ele coloca o prato em minhas mãos e pega mais dois waffles para si. — Estão preparando café lá dentro, mas esses agentes são tão viciados quanto você. Tentei pegar uma xícara, e um deles até rosnou para mim.

— Sam — digo. Não quero estragar o humor dele, mas nosso tempo juntos está acabando. — Sei que não é novidade para você, mas essa viagem a Nova York pode ser muito perigosa. Se Setrákus Ra estiver planejando uma aparição pública e der errado...

— Eu sei — interrompe ele. — Vou tomar cuidado. Se a gente se meter em uma briga, vou deixar o heroísmo para os verdadeiros super-heróis alienígenas. Não se preocupe comigo. Apenas tente encontrar alguma coisa aqui para nos ajudar a acabar com esses mogs de merda.

Dou um suspiro exagerado.

— O que sua mãe diria se ouvisse você falando assim?

Como se falar palavrão fosse um problema a esta altura do campeonato. Eu nem sei de onde veio essa reação. Acho que parte de mim ainda está tentando disfarçar a preocupação, como se deixar que esses garotos saibam o quanto estou com medo por eles — por

Sam — terem de ir para a linha de frente pudesse de alguma forma destruir sua coragem aparentemente ilimitada.

— Acho que tenho mais medo de mamãe me acorrentar no meu quarto e nunca mais me deixar pôr os pés do lado de fora quando eu voltar para casa, depois que tudo isso terminar. Ah, falando nisso, será que eu devia ligar para ela e contar que ainda estou vivo?

Penso na minha esposa. Na última vez que a vi — quando voltei após anos desaparecido, só para descobrir que *Sam* também tinha sumido —, ela não ficou muito empolgada ao saber que eu culpava os alienígenas pelo meu sumiço. Desde então, não se deu ao trabalho de falar comigo.

— Vai lá — respondo. — Mas lembre-se de que o telefone dela deve estar grampeado, então não entre em detalhes. Eu... vou esperar até ter alguma coisa boa para contar a ela. Daí eu ligo.

— Por falar nisso... Tome — diz ele, me dando um telefone via satélite.

Bato nos bolsos, percebendo que não estava carregando o meu. *Sam* continua:

— É, este é o *seu*. Adam estava mexendo nele. Parece que os sistemas de comunicação da Terra são bem básicos. Este aqui deve arrumar sinal, tipo, em qualquer lugar. Ou pelo menos é o que Adam disse.

— Excelente — comento. — Todos deveríamos começar a andar com um desses aqui, sempre.

Sam encolhe os ombros.

— Acho que sim. Mas você sabe em quantas brigas nos metemos. Eletrônicos não duram muito conosco. É por isso que estou deixando este com você. Vou convencer Adam a fazer um para mim quando voltarmos.

As portas se abrem atrás dele, e John aparece, seguido por Nove, Walker e alguns outros agentes federais a quem eu ainda não fui apresentado.

— Muito bem — diz Nove com um sorriso. — Vamos cortar as cabeças de alguns políticos maus na Big Apple.

Sam revira os olhos.

— Fique com este telefone, pai. Eu ligo quando tiver novidades.

Ele tenta me dar um abraço rápido e de lado, mas eu o puxo para um abraço de verdade.

— Tchau, filho. Tome cuidado.

— Pode deixar. A gente se vê daqui a pouco.

E assim, sem mais, ele vai embora.

Essas crianças acham que são invencíveis, mas não são. Mesmo alguns dos Gardes, com todas as suas habilidades, foram mortos. Por um instante eu me pergunto se poderia convencer Sam a não ir. Ligar para ele e pedir para que fique em um posto de gasolina ou algum outro lugar onde possa pegá-lo. Ele poderia me ajudar a analisar tantos anos de dados mogadorianos nas instalações subterrâneas. Mas sei que ele nunca aceitaria, e tenho quase certeza de que não tenho autoridade para proibi-lo. Ele já fez muitas escolhas difíceis sem mim.

Por que me escutaria agora?

CAPÍTULO DOIS

Deus sabe que eu estaria mais alerta se tivesse algumas horas de sono, mas não me imagino fechando os olhos e descansando se Sam está a caminho de Nova York. Não quando há trabalho a ser feito. Então dou um jeito de pegar café da cafeteira na cozinha e volto para as profundezas de Ashwood. Com sorte, encontrarei alguma arma secreta que destruirá os mogs. Ou pelo menos informações que possamos usar contra eles.

Qualquer coisa para me dar a impressão de que estou ajudando.

Uma longa escadaria numa sala nos fundos da casa de Adam leva até os túneis. Enquanto desço, gesso e tijolos dão lugar ao concreto e a algumas paredes de metal liso. Tudo é seco, cinza e pragmático. Sinto os pelos da nuca se arrepiarem conforme desço os degraus, embora eu não saiba dizer se é porque o ar está ficando mais frio ou porque coisas terríveis aconteceram comigo ali, mesmo que eu não me lembre de quase nada. Gamera me acompanha de perto, pairando sobre meu ombro na forma de uma libélula. Eu o cumprimento com a cabeça. É bom saber que meu filho toma conta de mim, é claro, mas ao mesmo tempo me sinto um fracassado. Eu é que deveria protegê-lo.

A parte subterrânea de Ashwood Estates é um labirinto. Um nível se contorcendo sob todo o bairro com túneis que se estendem em reviravoltas pelo que parecem ser quilômetros. Como se não fosse confuso o bastante, vários dos cômodos e passagens ruíram — algo que devemos agradecer a Adam, quando, uma eternidade atrás, me libertou do cativeiro e usou seu recém-adquirido Legado de terremoto. Quem sabe o que se esconde por trás dos corredores

desmoronados, que conhecimento perdemos quando os equipamentos foram destruídos? Se não estivéssemos prestes a perder a Terra, talvez tivéssemos tempo de descobrir.

Mas ainda há muitos cômodos de pé. Laboratórios e celas de detenção, por exemplo. Passo por eles, vendo equipamentos estranhos e ferramentas cirúrgicas que me dão calafrios. Esse lugar ainda é perigoso para mim. Não apenas por causa da questionável integridade da estrutura, mas pela sensação que tenho quando passo pelos corredores: um remoto reconhecimento seguido por uma dor aguda na cabeça. Tem alguma coisa familiar no cheiro do lugar — bolorento, carregado de equipamentos elétricos —, como se todas as lembranças que esqueci estivessem apenas fora de alcance, esperando para serem recuperadas. Esses túneis encham de pavor cada célula do meu corpo.

Felizmente, grande parte do medo passa quando chego aos arquivos das instalações. Não acho que tenha entrado aqui durante o tempo em que estive preso, porque dou um suspiro de alívio quando passo pela porta. Isso não quer dizer que o lugar seja aconchegante, nada parecido com as empoeiradas bibliotecas cheias de livros e poltronas estofadas do meu tempo na universidade. Os arquivos são tão pouco convidativos quanto o resto do lugar. Há monitores e terminais de computadores enfileirados sobre mesas de aço, os teclados de formato esquisito cobertos por marcas que não compreendo. Gabinetes repletos de servidores e bancos de dados com discos rígidos cobrem as paredes, zunindo em sintonia com as lâmpadas fluorescentes no teto. Há até mesmo uma prateleira com uma fileira de armas a laser do lado oposto da sala — pelo visto, os mogs nunca ficam muito longe delas.

Eu me alongo, as costas estalando, e sento em uma cadeira de metal diante de um terminal de computador. É o espacinho que transformei em meu no último dia: um computador, um tablet, um laptop, uma bolsa esportiva cheia de ferramentas e documentos que podem se revelar úteis e um cemitério de canecas sujas. Coloco

fonos de ouvido e percorro a lista de gravações mogs na tela até encontrar o ponto em que parei. Então começo a assistir.

Além de guerreiros implacáveis, os mogadorianos também parecem ser bastante detalhistas quando se trata de criar registros, embora eu não saiba se isto sirva só para algum tipo de arquivo histórico ou se é resultado de um regime fascista que quer ficar de olho em suas muitas peças móveis. Avanço dezenas de vídeos, quase todos no idioma mogadoriano e inúteis para mim depois que Adam se foi. Às vezes encontro um em inglês, mas a maioria é de comunicados entre humanos do ProMog, que contêm apenas informações inúteis ou que já sabemos. Anoto qualquer coisa minimamente interessante no laptop. O processo todo é entorpecedor e, a certa altura, acho que meus olhos começam a ficar vidrados, porque não havia percebido que havia outra pessoa na sala comigo até sentir uma mão em meu ombro.

Giro, quase caindo da cadeira ao tentar me levantar.

O homem atrás de mim é um agente do FBI em um terno preto. Ele é mais jovem do que eu, talvez tenha uns trinta anos, pele morena, cabelos curtos escuros e barba sem fazer há vários dias. No banquinho ao meu lado, Gamera está na forma de um gato, os olhos fixos no agente, pronto para dar o bote e se transformar. O animal deve ter se dado conta de que sua forma costumeira de tartaruga poderia atrair uma atenção indesejada dos agentes.

O homem estende a mão.

— Agente Noto. Walker... — diz ele, então hesita um pouco. — ... *insistiu* que eu poderia ser um recurso valioso para você.

Gesticulo para o felino ao meu lado.

— Já tenho um guarda-costas.

Ele não acha graça. Continuo:

— Tenho certeza de que suas habilidades seriam mais úteis lá em cima do que aqui, me vigiando enquanto analiso dados alienígenas.

Ele dá um sorrisinho, mas é difícil saber se é de irritação ou divertimento.

— Garanto que sou mais do que uma arma, Dr. Goode.

Faz tanto tempo que ninguém me chama de “doutor” que a palavra parece estranha dita antes do meu nome. Quase não acredito que um dia alunos e colegas me chamavam assim todos os dias.

Noto prossegue:

— No passado, servi de contato com os mogadorianos. Antes de descobrirmos quais eram suas verdadeiras intenções.

— Ah! Então, você até sabe com quem estamos lidando.

— Eu inclusive entendo um pouco da língua deles. Mas admito que minha capacidade de leitura talvez não passe do nível pré-escolar.

Enfim, um golpe de sorte.

— Por favor — digo, apertando a mão dele —, pode me chamar de Malcolm.

Ele senta do outro lado da mesa. Eu o atualizo, designando um conjunto de arquivos para que examine. Tento explicar que estamos procurando qualquer coisa útil, por mais vago que isso seja. Ele parece compreender. Trabalhamos em relativo silêncio durante horas, falando apenas sobre nossas descobertas e comparando anotações. É um trabalho infrutífero. Não descubro nada muito útil, e o progresso de Noto é lento. Muitas vezes ele passa quinze minutos em um arquivo antes de se dar conta de que é um pedido de suprimentos alimentares ou relatórios sem importância sobre o trânsito em Ashwood.

Em algum momento abro um arquivo que me deixa paralisado, o coração batendo forte no peito. Eu *reconheço* o rosto do humano na imagem. Até dou um nome a ele, embora leve um instante para encontrá-lo na cabeça.

Ethan.

O problema é que eu não sei *por que* conheço o rosto e o nome dele.

O arquivo parece ser uma videoconferência entre Ethan e um mogadoriano. Com base nas tatuagens, imagino que se trate de um oficial no alto da hierarquia. Ethan está recitando uma lista de nomes, descrevendo fatos sobre essas pessoas e informando suas localizações. As palavras suscitam algo na minha memória, iluminando um dos períodos obscuros que eu achava ter esquecido há muito tempo. Passam pela minha mente rostos de homens e mulheres que ajudaram os refugiados lorienos logo que chegaram à Terra. Pessoas que *eu* recrutei.

Acolhedores.

É quando me dou conta de quem é Ethan. Foi um deles. Um Acolhedor. Não, espera, não foi isso. *Ia* ser um Acolhedor, mas por algum motivo eu o dispensei antes que cumprisse a tarefa. Ele não estava lá quando os lorienos aterrissaram. Há mais alguma coisa, fora de alcance. Não confiava nele — mas por que não?

Enquanto assisto, começo a compreender um pouco mais. Ele trabalhou para os mogadorianos. Um traidor que detalhava tudo o que sabia sobre os Acolhedores e os lorienos, o que não era muito. Ainda assim, deve ter bastado para dar aos mogs algumas pistas.

Na verdade, parece que os mogs já tinham capturado pelo menos um dos Acolhedores no momento em que o vídeo foi gravado, graças às informações de Ethan. Será que era eu?

Novas imagens passam pela minha mente. Os mesmos rostos de antes, só que pálidos, destruídos, ensanguentados. Eles estão *aqui*, em Ashwood, sendo mostrados a mim como ameaça ou alerta de que vou acabar como eles se não contar ao Dr. Anu — o cientista-chefe de Ashwood — tudo o que ele quiser saber.

Morto. Assassinado.

Engulo os waffles e o café que voltam pela minha garganta enquanto Ethan continua falando. Com base no que ele diz, a mensagem parece ser velha — de antes dos acontecimentos em Paradise. Mas Ethan deixa uma bomba escapar: ele foi encarregado

de treinar e *recrutar* o Garde Número Cinco. Ele já tinha entrado em contato com o menino.

O vídeo termina e tudo começa a fazer sentido para mim. Apesar de toda a confusão e das falhas de minha memória, sei que algumas coisas são verdadeiras. Eu era o encarregado de recrutar os Acolhedores. Devo ter mantido Ethan conosco em algum momento, mesmo que o tenha expulsado do grupo antes de os loriens chegarem. Ethan se virou contra nós e provavelmente transformou o Cinco no traidor que é hoje.

E por isso Oito está morto.

É uma linha de raciocínio fácil de acompanhar. Os pontos quase se ligam sozinhos e criam uma relação direta entre mim e o cadáver de Oito. Tiro os óculos e aperto a ponte do nariz, tentando aliviar a dor que de repente começa a latejar em minha cabeça conforme sou inundado por essas lembranças e percepções. Não apenas dei informações sobre o Santuário, mas também os ajudei a transformar um dos loriens em simpatizante dos mogs. Quem sabe que outras coisas terríveis eu fiz quando estava sob o controle deles — ou que sem querer desencadeei tentando ajudar os Gardes. Será que vou acordar amanhã e de repente descobrir que também ajudei a planejar a invasão? Como começo a consertar tudo isso?

Percebo que Noto está me encarando. Ele está com uma expressão grave, mas há um sinal de preocupação nos olhos. Ou talvez desconfiança.

— Estou bem. Só uma dor de cabeça.

— Talvez seja melhor dar um tempo — sugere ele. — Tomar um pouco de ar.

Concordo com a cabeça, mas não faço qualquer esforço para me mover.

— Tenho certeza de que não deve ser nada fácil voltar aqui — diz Noto. — Walker me contou por alto o que aconteceu com você. É meio engraçado, na verdade. Eu investiguei seu desaparecimento. —

Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Bom, acho que “engraçado” não é bem a palavra certa.

Eu não esperava por isso. Ele parece jovem demais para ter se envolvido no caso.

— É mesmo? — pergunto.

— Não no começo, mas depois do incidente mog na escola... Sabe sobre isso, não sabe?

— Sei.

— Foi quando nossa equipe deslocou-se para Ohio. Passei algum tempo investigando seu desaparecimento. Era um enigma e tanto. Como se você tivesse simplesmente desaparecido da face da Terra.

— Ele estreita um pouco os olhos, me encarando. — Você ainda não lembra o que aconteceu?

— Não me lembro de nada de quando fui levado — respondo, com um suspiro. — Não sei nem se algum dia saberei o que houve. Já tentei juntar as peças. Coisas estranhas trazem lembranças. A maioria só flashes de imagens e sentimentos. Mas mesmo isso é difícil reter ou compreender. Faltam trechos até de anos anteriores à abdução. O que quer que eles tenham feito me destruiu. Levaram embora muita coisa da minha vida.

— Nem imagino.

Penso mais uma vez nos Acolhedores e no vídeo que descobri mais cedo, em que estou drogado ou sofrendo lavagem cerebral, sendo controlado de alguma forma.

— Que bom, eu acho — comento. — Os mogadorianos fizeram coisas terríveis aqui... comigo e com outros. Ainda assim, ficaria feliz em lembrar cada detalhe torturante se isso significasse também recuperar todas as minhas lembranças boas.

— Falando assim... — diz Noto, buscando as palavras certas. — ... É muito tempo perdido.

Inclino um pouco a cabeça para o lado. Algo que foi dito antes não está fazendo sentido.

— Por que estavam investigando meu desaparecimento? Foi há tanto tempo, e, considerando tudo o que deve ter acontecido depois do ataque à escola, vocês deviam ter preocupações maiores.

— Seu filho era um dos principais suspeitos e estava desaparecido. Não podíamos descartar a possibilidade de que você estivesse trabalhando fora do radar com John Smith ou até com os mogadorianos. Se ao menos eles tivessem nos avisado que estavam com você...

Ele para, percebendo que está cavando a própria cova ao me fazer lembrar que, enquanto eu estava em coma no subsolo, ele e o restante dos agentes de Walker estavam colaborando com meus captores.

— Nós não sabíamos. — Seus olhos encontraram os meus. Seu tom parece sincero, embora eu não saiba se Noto está tentando convencer a si mesmo ou a mim. — Todas as vítimas civis e as prisões, os planos de invasão... Meu Deus, achávamos que estávamos recebendo armas avançadas e melhorias médicas ajudando-os a encontrar fugitivos alienígenas.

Enquanto ele fala, sinto a raiva borbulhar no estômago. Não por ele, mas por tudo: o FBI, os mogs, meu encarceramento. Tento esquecer e me concentrar no que é importante.

— Bem, é melhor nós dois fazermos algo para compensar nossos pecados. Destruir os mogs pode não nos absolver do que fizemos sob a influência deles, mas me parece um bom começo.

Noto assente com a cabeça. Ficamos sentados em silêncio por alguns instantes antes de uma nova pergunta vir à minha mente.

— Vocês estavam investigando Sam. O que descobriram?

Ele respira fundo, parecendo um pouco aliviado.

— Ótimas notas. Uma aptidão excepcional para ciências. Uma obsessão compreensível por teorias de conspiração e pelo espaço. Eu não gosto de mexer no histórico de internet da maioria dos adolescentes, mas Sam passava a maior parte do tempo livre pesquisando planetas distantes e discutindo em fóruns sobre

potenciais aparições de extraterrestres. Quer dizer, ele também pirateou muitos filmes e músicas, mas de modo geral parece um ótimo garoto.

— Não posso levar crédito por nada disso — declaro, sentindo uma pontada de culpa.

Noto balançar a cabeça.

— Está me dizendo que é mera *coincidência* seu filho ter se tornado um aliado dos lorienos? Alguma coisa que você fez deve ter passado para ele.

— Se pelo menos eu lembrasse o que foi... — digo, tentando fazer piada com a situação, sem conseguir. — Juro, se Anu e Zakos já não estivessem mortos, eu mesmo os mataria.

Noto contorce o rosto de repente, franzindo o cenho.

— Quem?

— Dr. Anu. Foi o primeiro médico mogadoriano que...

— Não, o outro

Ele não está olhando para mim, mas digitando.

— Zakos — murmuro. — Ele... depois que o Dr. Anu morreu, ele passou a supervisionar meu cativeiro. Ele era mau. Quer dizer, os dois eram, mas parecia que Zakos sentia prazer nos experimentos. Um cientista louco mogadoriano. Pelo que sei, quase matou Adam. Mas o garoto o pegou primeiro quando fugimos.

Noto assente com a cabeça.

— Isso foi na queda, certo? Quando vocês saíram?

— Foi.

Depois que saí dos túneis destruídos carregando Adam, procurando nos esconder no caos e na confusão, percorremos o país tentando evitar a recaptura. As semanas voaram. Passamos muito tempo dormindo em campos e nos alimentando dos restos que encontrávamos.

— Quando achei que havia se passado tempo o bastante e ousei voltar a Paradise para me reunir com a família, Sam havia desaparecido — continuo.

— Certo...

A voz de Noto está baixa, distante, como se ele não estivesse mais escutando. Seus olhos estão fixos na tela.

— O que foi?

— Tenho uma gravação do Dr. Zakos aqui.

Ele ergue a cabeça e olha nos meus olhos.

— É do começo deste ano — conta. — Apesar do que quer que tenha acontecido aqui, ele sobreviveu.

— Não — sussurro, me aproximando da tela dele. — Não é possível. Adam o nocauteou, depois o teto caiu em cima dele...

Mas ali está ele na tela. Ao fundo, o laboratório está em frangalhos, as paredes rachadas e o piso coberto de destroços. É evidente que foi depois de Adam destruir parte da base. Zakos parece satisfeito consigo mesmo, os olhos negros brilhando na imagem pausada.

Levo alguns segundos para compreender o que estou vendo, mas então sinto um golpe no peito. Dr. Zakos — o açougueiro, o cientista louco, o *monstro* — ainda está vivo. Ainda está lutando contra nós.

Em algum lugar das partes mais sombrias de minha mente, há um flash estranho. Não é exatamente alegria, mas algo parecido, quando me dou conta de que posso ter a oportunidade de ficar frente a frente com um de meus captores.

— Parece que foi chamado para algum projeto confidencial que Setrákus Ra está supervisionando. Algo que acreditam que vá garantir a vitória mogadoriana.

Antes que eu diga qualquer coisa, porém, o rádio comunicador do agente estala.

— Noto, suba aqui! Tem alguma coisa acontecendo em Nova York.

CAPÍTULO TRÊS

As naves de guerra chegaram. Primeiro foram registradas sobre Nova York, depois sobre outras cidades em todo o mundo.

— Pronto — sussurro para mim mesmo.

Tudo o que tentei evitar está acontecendo. Os mogs estão aqui, com força total.

É uma invasão.

Será que Sam está em segurança?

Noto e eu nos reunimos com pelo menos uma dúzia de agentes federais em torno dos diversos monitores na sala de mídia da casa para ver repórteres e apresentadores em choque tentando entender o que está acontecendo. Em pouco tempo, todas se concentram em uma mesma transmissão: um sinal ao vivo da ONU. Ela aparece, assim como Setrákus Ra, na forma de um homem de meia-idade. Ele está dizendo alguma coisa sobre querer paz. Ranjo os dentes.

Em seguida, há uma espécie de comoção, e a câmera passa para John, cujo rosto é um retrato da raiva. É quando tudo vai pelos ares.

Onde está Sam?

Procuro por um sinal de meu filho, mas ele não está no meio da multidão quando as mãos de John começam a brilhar com fogo. E, quando Ra se transforma em um monstro apavorante, a câmera mostra apenas as pessoas no palco. Quando a transmissão ao vivo é interrompida, as emissoras de notícias continuam exibindo as mesmas imagens sem parar. Ainda assim, não vejo Sam.

Tento ligar para seu telefone, mas ele não atende. É claro que não. Deve estar lá, no meio da confusão, mas fora do alcance da câmera. Minhas mãos começam a tremer enquanto sou tomado por

uma sensação de impotência. Estou muito longe. Eu deveria tê-lo impedido, exigido que não fosse. Mas é tarde demais. O que posso fazer? De repente, a ideia de voltar para os arquivos parece tola, como tentar usar uma garrafa d'água para apagar um incêndio florestal. Só me resta assistir às imagens em looping.

No começo, os vídeos são apenas reprisados, sem comentários, como se os próprios âncoras não soubessem como reagir. Então, há um bombardeio de teorias, alertas e garantias de que ou o governo poderá lidar com isso ou é diretamente responsável por tudo.

Gamera, ainda na forma de um gatinho preto, se enrosca entre minhas pernas, roçando em mim. Seus olhos verdes vão de um lado para outro, as orelhas em pé. Por um momento me pergunto o quanto ele compreende do que está acontecendo. Será que sente que fomos invadidos por nosso inimigo? Que tudo está mudando?

Ao redor, os agentes do FBI tentam lidar com os acontecimentos da melhor forma que podem. A maioria está perplexa e boquiaberta, ou está alucinada, gritando a cada sinal de ocupado ou chamada que não completa ao telefone, berrando nos aparelhos de rádio, tentando entender a situação. Ninguém tem notícias de Walker, e percebo que muitos desses agentes querem ir para campo.

Não sei quantas vezes vejo as imagens se repetindo. Começam a chegar informações de todo o mundo. A humanidade não sabe como reagir. Forças chinesas atacam a nave de guerra sobre Pequim, mandando aviões para bombardeá-la de cima. Ao mesmo tempo, caminhões disparam mísseis por baixo, o céu irrompendo em chamas. Mas a nave permanece intocada, ao que parece protegida por alguma espécie de escudo invisível. Os mísseis explodem num campo de força, provocando uma chuva de fogo e destroços sobre a cidade. Alguns mísseis parecem ricochetear, extinguindo edifícios altíssimos, destruindo a paisagem.

Quando a fumaça se dissipa, a nave de guerra segue intocada, mas Pequim está em chamas.

Tumultos e pilhagens irrompem em cidades do mundo todo. Parece acontecer em locais onde nem sequer há uma nave de guerra. Imagino que, quando há uma espaçonave alienígena gigantesca pairando sobre a cidade, a probabilidade de pessoas irem para as ruas diminui. Estão assustadas, amedrontadas; algumas estão prontas para lutar, outras dizem que é o fim dos tempos. Há inclusive imagens de um grupo com cartazes de boas-vindas no qual lê-se: “Me abduza!”

Tento lembrar como reagi quando encontrei provas irrefutáveis de que havia vida fora da Terra. Quando conheci Pittacus Lore. Explosões de imagens e sentimentos passam pela minha mente. Estupefação. Medo. Validação. Pittacus segura um tablet branco. Quando ele me pede ajuda, seus olhos queimam como fogo.

Um novo vídeo começa a passar em um dos monitores, me afastando desses pensamentos. Reconheço a voz de Sarah Hart de imediato enquanto ela explica quem são os Gardes e os mogadorianos — depois de passar a vida tentando manter os loriens em segredo, é impressionante ouvir falar deles em rede nacional. No começo, o vídeo só passa em uma emissora de notícias, mas em seguida todas começam a transmiti-lo, dizendo que foi encontrado no YouTube. Chegam a interromper a cobertura do ataque para reproduzi-lo, até que a voz de Sarah ecoa ao meu redor, de todos os alto-falantes, contando ao mundo sobre John Smith e os loriens.

Os apresentadores tentam dissecar as imagens, exibindo capturas de tela e histórias de *Eles Estão Entre Nós*. Fico sem fôlego enquanto assisto.

Tudo está acontecendo, todas as peças de dominó estão caindo. Eu mal consigo acompanhar.

A certa altura, o agente Noto fica de pé ao meu lado. Ele não tira os olhos da tela enquanto fala:

— Podemos assistir às notícias em um notebook lá embaixo, se você quiser voltar ao trabalho.

— Eu sei — digo baixinho. — Mas qual é o sentido? O que poderíamos descobrir para nos ajudar?

Lá fora, o sol está começando a se pôr. Meus olhos coçam. Sem dúvida estão vermelhos. E a combinação entre a cafeína e os acontecimentos se desenrolando na tela me deixou quase trêmulo.

— Foi apenas uma sugestão. Também não consigo parar de olhar. — Ele solta uma risada curta e rouca. — O mundo está se borrando de medo agora.

— E a gente está brincando de casinha em um maldito bairro alienígena — retruca outro agente, colocando-se entre nós dois. — Que diabo estamos fazendo aqui, Noto?

— Cumprindo as ordens de Walker — responde Noto com voz calma e ponderada; apenas um vestígio de irritação transparece.

— Walker foi para Nova York. Até onde sabemos, ela pode estar morta.

Vejo Noto olhar para mim antes de voltar a atenção ao outro.

— Esta é uma base inimiga muitíssimo valiosa. Não podemos simplesmente...

— Puta que pariu, não estamos brincando de pique-bandeira.

— Não consigo falar com ninguém — revela o homem, tentando em vão sussurrar. — Os leais aos mogs devem ter cortado as comunicações nos escritórios. Ou isso, ou todos agentes que temos estão tentando descobrir o que fazer. Não estamos longe da capital. Em um raio de trinta quilômetros, há meia dúzia de coisas mais importantes do que proteger a merda de uma base mogadoriana semidestruída. Armas. Civis. Pessoas que sabem *códigos de lançamento*. E isso é só o que lembro de cabeça. Não podemos deixar isso tudo cair em mãos inimigas.

Apesar de tudo o que está acontecendo — ou talvez *por causa* da explosão de adrenalina e do senso de responsabilidade aprimorado que percorre meu corpo —, uma lembrança sibila de algum canto escuro da minha mente.

A última coisa de que precisamos é que isso caia nas mãos dos inimigos.

As palavras ecoam várias vezes. Sei que é importante, mas não lembro por quê. Aos poucos, uma cena começa a vir à luz. Estou na varanda da minha casa. Sam está comigo, mas muito jovem e frágil. Uma mulher que não conheço está lá, fazendo um alerta. Qual?

Fecho os olhos, tentando me agarrar à lembrança antes que ela se vá. Talvez seja algo que possa nos ajudar.

Então eu recordo. Ela está me dizendo que, se me encontrou, os mogs também me encontrarão. Que minha família não está a salvo. E fico com medo, porque sei que não posso ir embora, já que os loriens planejam voltar para Paradise um dia.

Por isso fiquei.

Engulo mais uma onda de náusea. Nos últimos meses, deduzi que os mogs haviam me apanhado de surpresa. Mas não foi bem isso. Eu *sabia* que eles poderiam me encontrar. Fui alertado. Mas não dei ouvidos. E se eles tivessem levado minha família? E se tivessem levado Sam também? Como pude ser tão burro?

Por outro lado, quem é a mulher com quem eu estava conversando? Não era uma Acolhedora, nem uma Cêpan... mas tenho a sensação de que era loriens. Alguém que me deixava ao mesmo tempo impressionado e amedrontado.

Onde ela está *agora*?

— O que você acha, Malcolm? — pergunta Noto, e levo um instante para me dar conta de que está falando comigo.

— Perdão — respondo, minha voz um sussurro rouco. — O quê?

É quando os Chimæra do lado de fora começam a enlouquecer.

Guinchos de aves soam de toda parte, interrompendo a cacofonia das notícias e das discussões. Gamera sibila, saltando para meus braços. Noto e eu nos entreolhamos, e então ele me segue quando corro até a porta da frente, gritando alguma coisa sobre tomar cuidado. Alguns agentes já estão no gramado, incluindo uma

olhando por um binóculo. A distância, uma espécie de aeronave se aproxima.

— O que temos aqui? — indaga Noto.

— Parece um helicóptero de transporte. — A agente passa o binóculo a Noto e acrescenta. — Símbolo do Exército.

— Sabemos quem são? — pergunto.

Embora os agentes estejam nos ajudando em Ashwood, o governo não é lá muito confiável no momento. Tento me lembrar do que li no *Eles Estão Entre Nós* e de tudo o que descobrimos, esperando saber em quem podemos confiar entre o pessoal do Exército, se é que podemos confiar em alguém.

— Estamos apenas com rádios comunicadores aqui, e a maior parte das redes de celular caiu — murmura Noto. — A menos que você tenha visto algum tipo de equipamento de transmissão no subterrâneo, não temos como ligar para eles.

— Entre — ordena Noto, sacando sua arma. — E alguém traga para cá as armas grandes.

Gamera rosna. No céu, os Chimæra restantes continuam em revoada de um lado para outro, guinchando.

— Vou lá para dentro — aviso. — Se algo der errado...

Mas não sei ao certo como concluir a frase. O agente Noto apenas meneia a cabeça na direção da porta e, sem saber o que fazer, obedeço. Quando entro, afasto as lâminas da persiana de madeira e vejo o helicóptero pousar na rua diante da casa.

Dois homens de uniforme tático preto saltam do helicóptero assim que ele pousa. O da frente mantém a arma no coldre lateral, mas os agentes do FBI, em postura tensa, apontam as armas para ele. O outro homem carrega uma espécie de fuzil de assalto atravessado nas costas e tem um corte de cabelo no estilo militar. Parece ser feito apenas de músculos, como um lutador profissional.

Vejo bocas se mexendo, mas não ouço nada por causa do barulho das hélices. Noto dá um passo para a frente, mostrando o que imagino ser um distintivo. Ele conversa com os homens por um

tempo e então levanta uma das mãos para os agentes atrás dele, que relaxam um pouco.

Em seguida, Noto volta-se para a janela pela qual estou olhando. Os outros repetem o movimento, até que todos estão olhando fixamente na minha direção.

— Ah, não... — sussurro.

Os homens de uniforme preto seguem Noto pelo gramado. Gamera sibila, saltando no chão à minha frente.

— Calma, calma — digo baixinho, vendo os homens se aproximarem. — Acho que está tudo bem.

Entrando na casa, Noto apresenta como coronel Lujan o militar que parece estar no comando. Ele tem um aperto de mão firme e olhos escuros e penetrantes abaixo das espessas sobrancelhas pretas. O outro homem não é apresentado, mas em um pedaço de tecido preso ao bolso da frente do uniforme está escrito "Briggs".

— Sou Malcolm Goode.

Lujan e o companheiro apenas assentem com a cabeça, como se eu tivesse oferecendo uma informação já conhecida. Eles não se mexem ou passam do hall de entrada.

— Dr. Goode — fala Lujan. — Irei direto ao ponto. Nosso país está sitiado e enfrentando uma invasão alienígena. O presidente e diversos outros membros importantes da administração foram levados a um bunker, onde planejam a reação dos Estados Unidos a esta crise. Sua assistência foi solicitada.

— Minha *assistência*? — pergunto.

— Parece que Walker entrou em contato com as Forças Armadas — explica Noto. — Querem respostas sobre o que está acontecendo, e ela deu seu nome a eles. Disse que você poderia esboçar uma imagem clara do conflito. Ao que parece, ela está presa em Nova York porque... bem, você viu o que está acontecendo lá.

— Meu filho. Ela deu notícias de Sam?

— Não falei diretamente com a agente Walker — responde Lujan. — Só estou aqui para me certificar de que seu traslado ocorra bem.

Como pode imaginar, o tempo é um fator-chave, Dr. Goode.

Minha cabeça dispara, e me pergunto se eu ao menos tenho a opção de dizer não a esses homens. E ainda há a possibilidade de que alguma coisa dos arquivos de fato possa ajudar — por mais improvável que pareça, considerando as notícias.

Por outro lado, tenho quase certeza de que serei mais útil se for ouvido pelo presidente e puder explicar o que está acontecendo. Isso ajudará Sam e os outros.

— Se você me der alguns minutos, gostaria de pegar alguns dos meus pertences no subterrâneo. Meu rifle está lá embaixo, além de muitas informações que eu gostaria...

— Podemos providenciar uma arma para você — responde Lujan.

— E posso manter as coisas funcionando por aqui — acrescenta Noto. — Se seu filho ou algum dos outros voltar... — Ele faz uma pausa. — Bem, parece que Walker sabe como entrar em contato com o bunker.

— Mas...

— Com todo o respeito, senhor — diz o coronel. — Precisamos ir.

Olho de um para outro antes de concordar com a cabeça. Gamera se remexe entre meus pés.

— Minha bolsa e meu casaco estão na sala de jantar — aviso, indo para o cômodo ao lado antes que alguém proteste.

Gamera me segue. Olho por cima do ombro, me certificando de que os militares não estão vendo, então abro o zíper e faço um sinal para ele entrar.

— Não é o ideal — sussurro, enquanto ele se encolhe até a forma de um besouro e entra. — Mas é o melhor que posso fazer.

Pego um velho telefone via satélite — mantenho o novo no bolso o tempo todo, para o caso de Sam ligar — antes de vestir o casaco e jogar a alça sobre o ombro, evitando sacudir demais Gamera lá dentro. De volta ao hall de entrada, lanço o telefone antigo para Noto.

— É seguro. Entro em contato com você quando puder. Continue procurando por qualquer coisa que possa nos ajudar.

Ele é interrompido por mais guinchos do lado de fora, seguidos por gritos. O rádio comunicador de Lujan estala.

— Cinco aeronaves desconhecidas se aproximando!

— Mantenha a posição! — grita Lujan no aparelho, depois se vira para mim. — Precisamos sair daqui já. Se o helicóptero for atingido, é um longo trajeto de volta à capital, e com certeza não chegaremos lá pela estrada. O engarrafamento se estende por quilômetros.

— Vá! — diz Noto. — Boa sorte.

Assinto. Então, começo a correr.

Estamos a poucos metros da porta quando vejo Escumadores mogadorianos vindo com tudo para Ashwood.

CAPÍTULO QUATRO

Estamos na metade do gramado quando um Humvee bate nos portões de ferro que dão acesso para as propriedades. Ele acelera em nossa direção, então vira em um piscar de olhos e freia cantando pneus no lado oposto a um pequeno muro de tijolos que separa dois lotes. As portas se abrem. Vejo rostos pálidos de mogadorianos. De repente, Briggs me puxa para o chão e me empurra para trás de um dos veículos do FBI estacionados no gramado entre a casa e o helicóptero. Fico sem fôlego. Chove vidro quando as janelas do carro são destruídas.

— Fique abaixado! — grita Briggs.

Ele se junta aos agentes federais atrás do SUV e começa a atirar na direção dos mogs.

Atrás de mim, agentes quebram as janelas do segundo andar da antiga casa de Adam e começam a disparar. De onde estou, não sei dizer onde está Lujan.

Cinco aves pousam no chão perto de mim. Suas garras tremem, indicando a transformação. Olho para a varanda e vejo Noto. O sangue goteja da marca de tecido queimado no ombro de seu paletó. Aponto para ele.

— Protejam os outros! — sussurro alto o bastante para que me ouçam.

Os Chimæra entortam as cabeças e me encaram sem expressão.

— Vão! — grito.

Eles se espalham. Briggs olha para mim, recarregando o fuzil. Ele rosna alguma coisa no rádio comunicador, depois se vira para mim, gritando.

— Quando eu começar a atirar, você vai. Corra até o helicóptero.

Concordo com a cabeça, arfando, tentando recuperar o fôlego. Minha mochila está ondulando ao meu lado. Dou um tapinha nela, tentando dizer a Gamera que estou bem. Ele poderia se libertar se quisesse, tenho certeza. Mas, como estamos prestes a levantar voo, não quero correr o risco de perdê-lo.

Acima de nós, os Escumadores já circularam e estão se aproximando. Ouço um forte barulho de explosão quando um deles se incendeia do outro lado do gramado. Sigo o rastro de fumaça até o helicóptero. É quando me dou conta de que é um veículo armado, provavelmente cheio de todo tipo de munição.

— Vá! — grita Briggs, abrindo fogo mais uma vez.

Saio a mil, focando no nosso helicóptero e ignorando todo o resto. Para alguém que passou a maior parte da última década em coma induzido, os músculos atrofiando e se desintegrando, dou uma bela corrida. Ashwood é um borrão, mas tenho consciência dos disparos ao meu redor e ouço o chiado e o pulso elétrico das armas a laser. Há outro disparo do helicóptero. Com a visão periférica, vejo o Humvee mogadoriano pegar fogo.

Acontece que Lujan já estava no helicóptero, disparando o que suponho ser um lançador de granadas. Quando chego lá, ele me puxa para dentro, meio que me empurrando para o banco de trás. Afivelo o cinto, ajeitando a mochila entre os pés e tentando avaliar os prós e contras de soltar Gamera. O problema é que não conheço esses homens, nem sequer aonde estou indo. Com toda a dor e o sofrimento que meus atos causaram no passado, não suportaria a ideia de Gamera ou qualquer outro Chimæra acabar sendo dissecado em uma mesa de laboratório de algum centro de pesquisa do governo, em nome da ciência.

Lujan rosna no rádio comunicador.

— Recurso a bordo. Vamos decolar em cinco segundos, quer você esteja aqui ou não.

É uma ordem não apenas para Briggs, mas também para o piloto, que assente com a cabeça.

Além do piloto, há um segundo soldado na cabine. Imagino que seja quem está atirando com as armas principais do helicóptero. Do lado oposto de onde entrei, outro soldado está ajustando a mira de uma imensa metralhadora. Os olhos dele estão no céu, focados nos Escumadores que se aproximam, disparando.

Briggs se atira dentro do helicóptero alguns segundos depois. Ele grita quando cai, de joelhos. Uma das botas está coberta de sangue, e o braço esquerdo está pendurado na lateral do corpo.

— Tire todos nós daqui! — berra Lujan para o piloto, depois se vira para o homem na metralhadora. — Mire nos alvos.

Enquanto o helicóptero estremece e começa a levantar voo, tento ajudar Briggs a sentar ao meu lado, perguntando se ele está bem. Mas ele desconversa, cerrando os dentes enquanto aperta o cinto. Eu me inclino para a frente, tentando dar uma olhada nas naves que se aproximam.

As três abrem fogo ao mesmo tempo. Nosso helicóptero desvia para o lado, nos sacudindo lá dentro, e escapamos por pouco de sermos atingidos. Chovem tiros sobre Ashwood, e somos pegos no fogo cruzado. Eu me seguro e resisto à vontade de vomitar. É a primeira vez que ando de helicóptero. Pelo menos que eu saiba.

— Acabe com esses cretinos! — grita Lujan.

Tiros de metralhadora enchem o ar, seguidos pelo cheiro acre e metálico das rodadas descarregadas. Uma arma maior dispara de um ponto na frente da aeronave. Enrijeço o maxilar e agarro o cinto de segurança com tanta força que parece que vou fazer exame de sangue.

Ondas de choque de uma explosão lá fora balançam o helicóptero. Um Escumador cai, em chamas.

— Droga! — exclama Briggs. — Um daqueles imbecis do FBI devia estar com disparador de mísseis terra-ar.

Voamos para a frente. Um Escumador circunda Ashwood, mas outro nos persegue em alta velocidade, indo de um lado para outro e fazendo loopings em zigue-zague para desviar dos tiros disparados pelo helicóptero.

— O que quer que você tenha encontrado naquela base, não devem querer que saia de lá — grita Lujan, para ser ouvido apesar do barulho.

O que perdemos? Ou o que deixamos passar?

— Eu não encontrei *nada* — respondo.

— É, mas eles não devem saber disso.

— São só alienígenas furiosos — resmunga Briggs.

Enquanto fala, ele se atrapalha tentando levantar com o braço direito a perna esquerda da calça, ensopada de sangue.

— Deixe-me ajudar — ofereço.

Ele respira fundo algumas vezes, o suor acumulando na testa, antes de se recostar ao assento. Entendo isso como um consentimento e levanto a calça, soltando-a da bota, até passá-la por um buraco feito por um tiro que atravessou a panturrilha. Ele aponta para um kit médico preso na parte interna da fuselagem do helicóptero, então me ensina a limpar e cobrir a ferida com um curativo de compressão.

— Me pegou no meio da corrida — conta ele, entre uma instrução e outra e longas sequências de palavrões. — Caí com o ombro direito no chão. Acho que deslocou.

— Posso tentar colocar de volta, se quiser.

— Você é doutor?

— Tecnicamente... — digo. — Sou astrônomo.

Briggs apenas me encara, a cabeça maquinando uma resposta. Mas ele não tem chance de concluir. Um tiro de Escumador nos atinge, e damos um mergulho repentino, caindo vertiginosamente pelo que devem ser dezenas de metros no ar em apenas alguns segundos. Tenho certeza de que vamos bater, mas o piloto nos estabiliza.

— Cacete! — grita Lujan enquanto levanta o atirador e o ajuda a voltar à posição.

— Não dá para ir mais rápido do que essa coisa! — berra o piloto.

Enquanto Lujan fala com os outros soldados, faço um esforço para olhar pela janela. É quando vejo: uma nave de guerra mogadoriana pairando sobre Washington.

— Impossível — murmuro, sabendo muito bem que é possível, que é real.

Mas ver a nave gigantesca pessoalmente é algo para que não estou preparado, mesmo depois de toda a cobertura na tevê. É espantoso da pior maneira possível.

Abaixo de nós, a cidade parece estar em um silêncio lúgubre, ao menos pelo que percebo. Não há fumaça saindo dos edifícios. Nenhum jato está atacando a monstruosidade alienígena que domina o céu da capital da nossa nação ao anoitecer.

— Onde está o resto do Exército? — pergunto. — A Guarda Nacional? Onde estão nossas *defesas*?

— Demos ênfase à evacuação de recursos de alto valor — responde Briggs. — A maior parte de nossos alvos estava na cidade. Você é um dos poucos que tivemos que assegurar pelo ar. Do contrário, temos ordens de permanecer em solo. O helicóptero vai nos deixar perto do destino. Servirá de distração caso precisemos de cobertura enquanto percorremos o restante do caminho a pé.

— Não acho que vamos ser deixados em qualquer lugar se não nos livrarmos deste Escumador.

Briggs olha para mim, confuso.

— É como chamamos as aeronaves mogs menores — explico.

Ele pensa um pouco.

— Acho melhor do que "óvni".

O helicóptero chacoalha de novo. Lujan está berrando com os dois homens na cabine. Alguma coisa sobre evitar danos colaterais. Briggs balança a cabeça.

— Tudo bem — diz ele, inclinando o ombro machucado para mim e olhando na direção oposta. — Vá em frente. Ajeite meu braço.

— Tem certeza? — pergunto.

— Se aterrissarmos em uma zona de perigo, não quero estar mancando e sem conseguir mirar. Anda logo.

Embora eu saiba como o processo deve funcionar fisicamente, nunca coloquei um ombro deslocado no lugar. Briggs fecha os olhos enquanto tiro meu cinto de segurança, me ajeitando no melhor ângulo para ter algum apoio.

— Vou contar até três — aviso, agarrando o braço dele. — Um...

— Segurem-se — grita Lujan para nós. — Vou experimentar uma coisa, e vai balançar muito.

O helicóptero muda de direção, me atirando para cima de Briggs. Ouço um estalo alto quando nos chocamos.

— Merda! — exclama ele.

Acho que ajeitei o ombro por acidente.

Levo alguns segundos para entender o que o piloto está fazendo. Ele recuou e diminuiu a velocidade para que o Escumador fique bem ao nosso lado: na linha de tiro perfeita para a metralhadora. As balas varrem o casco da nave alienígena, destruindo-a.

— Uhuuul! — grita o atirador.

A cabine da nave alienígena se incendeia, deixando uma trilha de fumaça atrás de si.

Briggs expira devagar.

— Que jeito de despistar alguém.

— Que seja! — diz Lujan. — Pegamos aquele merda. Parece que...

Ele para quando vemos o Escumador emborcar para o lado, seguindo bem na nossa direção. O piloto está fazendo uma última tentativa de destruir o alvo. Nós avançamos, mas não a tempo. A nave atinge a parte de trás do helicóptero, destruindo o rotor da cauda. Então, começamos a descer em espiral rumo ao gramado, um mergulho em meio a destroços de vidro, metal e berros.

CAPÍTULO CINCO

Acordo com um tapa no rosto. Meus olhos se abrem, mas o mundo está indistinto e cheio de fumaça, nada além de formas embaçadas e uma escuridão desorientadora. Por alguns segundos, temo estar de volta ao receptáculo mog, como se tudo o que aconteceu nos últimos meses — minha fuga, meu reencontro com Sam — não passasse de um longo sonho no coma induzido.

Alguém está gritando, mas não consigo decodificar, o som distorce em meus ouvidos. Sinto que começo a cair para a frente. Então, antes que eu entenda o que está acontecendo, alguém me puxa, me *arrasta*.

Mais um tapa no rosto. Com certeza não se trata de Anu ou Zakos: os dois preferiam agulhas e lâminas a sujar as mãos com espécimes humanos.

Aos poucos tudo volta ao foco, e começo a lembrar o que se passa. Eu ergo o corpo me apoiando com as mãos e os joelhos num gramado macio, tossindo e tentando recuperar o fôlego. Meus pulmões parecem estar cheios de fumaça e fogo. As primeiras coisas que vejo são o helicóptero e o Escumador, um amontoado chamuscado de metal retorcido a cem metros de distância. Lujan e Briggs estão de pé perto de mim, o segundo encostado em uma árvore, evitando ao máximo amparar-se sobre a perna ferida. O rosto de ambos está sujo de alguma coisa escura. A borda da nave de guerra está acima de nós, bloqueando o céu.

Enquanto continuo a arfar, sinto a cabeça girar. Ficar de pé é um processo complicado, e Lujan se apresenta para evitar que eu caia. Mas enfim eu me sinto seguro para avaliar os arredores. É quando o

vejo, iluminado e resplandecente diante de nós, em contraste com a noite quase fechada.

— Aquilo é... — começo, mas não concluo o pensamento; estou impressionado demais com a percepção de onde estamos, do que aconteceu.

— O Monumento a Washington — completa Lujan. — Demos sorte de termos caído aqui, senão poderia haver vítimas civis. Não estamos longe do destino.

Se um acidente aéreo no meio de meia dúzia de marcos históricos nacionais é uma coisa boa, isso revela mais sobre o estado atual do mundo do que deveria.

— E os outros? — pergunto, me lembrando dos homens a bordo.

— Não sobreviveram — responde Briggs.

Tem mais alguma coisa me incomodando vagamente, mas meus pensamentos estão confusos. Escorre sangue da minha têmpora esquerda. Devo ter batido a cabeça no acidente. Como se eu já não tivesse danos cerebrais suficientes.

— Precisamos ir — avisa Lujan. — Agora. Há inimigos patrulhando a cidade, e é impossível que não tenham visto nossa queda.

É quando me dou conta.

— Minha mochila! — grito, correndo na direção dos destroços.

Gamera está lá. O que aconteceu com ele?

— Você não pode... — começa Briggs, mas eu o ignoro.

Até onde se sabe, só existe um punhado de Chimæra, e eu não vou deixar um deles, meu guarda-costas, ser queimado vivo.

Lujan me intercepta, agarrando a parte de trás da minha camisa com firmeza e me girando antes que eu saia correndo pela clareira.

— Escute aqui, Goode — rosna ele. — Briggs arriscou a vida tirando você de lá, e não vou mesmo deixar você morrer, ou inalando fumaça, ou em uma explosão, ou *sendo capturado* ao tentar resgatar sua bagagem. Nossa missão é levar você ao bunker, e é o que vamos fazer, custe o que custar.

— Você não entende... — começo a explicar, mas então ouço um guinchar.

O som de um pássaro chamando. Um grande falcão está empoleirado em um galho de árvore, me encarando. Ele abre as asas como que para se comunicar comigo.

Balanço um pouco a cabeça, aliviado. É evidente que subestimei o quanto esses animais são resilientes. Lujan me observa como se eu fosse idiota e me puxa na direção de Briggs.

— Com alguma sorte, vamos percorrer o resto do caminho sem transtornos — fala Lujan.

— Eu não diria que a sorte esteve do nosso lado esta noite — resmungo Briggs.

— Aonde estamos indo? — pergunto.

— Para a Union Station — responde Lujan, pegando a arma reserva e conferindo se está carregada. — Haverá transporte para nos levar até um local seguro.

— Os trens ainda estão circulando?

— Nenhum trem que seja de conhecimento público.

Fico meio boquiaberto. Eu me lembro de ter lido teorias da conspiração falando de túneis secretos que passam sob locais como a Casa Branca e o Capitólio, todos ligados pela Union Station. Eu não imaginava que fosse verdade.

Acho que eu não deveria ficar surpreso.

Briggs dá um passo à frente com os olhos arregalados.

— Senhor — sussurra ele enquanto puxa o fuzil de assalto das costas.

Eu me viro e vejo outro Escumador se aproximando dos destroços, a alguns quilômetros de distância.

— Vamos — diz Lujan, apontando para a direção oposta. — Se forem espertos, vão procurar sobreviventes.

Ele nos leva pelo National Mall, o passeio principal da capital, seguindo junto às árvores em vez de pela área central. As árvores oferecem um pouco de proteção, mas não são densas o bastante

para nos esconder se os mogs se aproximarem com um Escumador com luzes externas ligadas. Pelo menos a folhagem funciona como uma ótima trilha para Gamera, que salta de galho em galho como um esquilo de rabo peludo. É um pequeno milagre a escuridão nos camuflar um pouco, mas a luz ambiente que resta nos impede de ficar invisíveis. O Capitólio está quase um quilômetro à frente, a fachada branca cintilando no breu. O silêncio é assustador, ainda mais considerando onde estamos. Eu temia que as cidades estivessem repletas de militares e pessoas enlouquecidas — ou pior, esquadrões de mogadorianos.

— Onde está todo mundo? — sussurro ao passarmos por uma série de museus. — Isto aqui não costuma estar cheio de turistas? O que aconteceu com eles? Por que não apareceu de imediato uma equipe de segurança quando *quase batemos no Monumento a Washington*?

— Aqui era uma zona de evacuação prioritária — explica Lujan. — Os quarteirões ao redor da Casa Branca e do Capitólio foram esvaziados. Depois que a resistência em Nova York se transformou em destruição generalizada, a postura oficial dos militares passou a ser evitar confrontos com os mogadorianos e não interferir nas patrulhas que eles enviam das naves de guerra. As pessoas estão sendo tiradas de suas casas em Manhattan. Estamos tentando evitar que isso aconteça aqui também.

Engulo em seco à menção de Nova York e dou um tapinha no bolso para me certificar de que o telefone via satélite ainda está lá.

Será que Sam está em segurança?

— E qual é a postura *não* oficial? — pergunto.

— Reunir recursos em segredo e preparar as contramedidas. Por que você acha que está aqui?

Estamos quase no Capitólio quando Briggs começa a ficar para trás. Tem sangue escorrendo do curativo na perna dele.

— Merda! — exclama Lujan, quando percebe. — Está muito ruim?

— Continuem sem mim. — Briggs se encosta em uma árvore. Ele está suando muito, a adrenalina começando a se esgotar. — Vou ficar bem aqui. Se algum deles cruzar por mim, não vou para o enfrentamento.

Lujan o encara por alguns segundos, então concorda com a cabeça.

— Não podemos *largá-lo* aqui — protesto.

— Nossa missão é levar você até o bunker em segurança — diz Lujan pelo que parece ser a décima vez desde que o conheci.

Ele já está começando a correr.

— Mas eu não vou sem ele.

O coronel se vira para mim, com um ar de desprezo.

— A esta altura, a decisão não cabe a você.

Olho de um para o outro, mas parece que nenhum dos dois tem a intenção de mudar de ideia. Então, continuo falando:

— Vocês não conhecem o inimigo como eu. É por isso que o presidente me quer, não é? Se deixarmos Briggs aqui e os mogs o encontrarem, um soldado ferido e solitário perto dos destroços de uma das naves deles, o que acham que vai acontecer? Na melhor das hipóteses, vão matá-lo. É mais provável que o levem como prisioneiro. Acredito que ele saiba aonde estamos indo. Vocês os levariam direto para o presidente.

— Eu não vou falar — garante Briggs.

— Acha que isso importa? — pergunto, levando dois dedos até as laterais da minha cabeça, onde os mogs colocavam eletrodos. — Eles vão arrancar da sua mente tudo o que você sabe. Eles têm tecnologias inimagináveis. Você vai contar todos os seus segredos, e só então vão começar a machucar você de verdade.

Lujan range os dentes. Por um instante, eu me preocupo achando que condenei Briggs a uma morte prematura e começo a preparar argumentos contra sacrificá-lo. Por fim, o coronel aponta o dedo grosso para meu rosto.

— Não se mexa. Vou sondar o terreno adiante. — Ele olha para Briggs. — Quando eu voltar, esteja pronto para correr.

Ele some. Briggs encara o chão, tenso. Parece com raiva, mas não sei ao certo se é dos mogs, de mim ou de si mesmo. É provável que seja uma combinação dos três.

— Eu deveria ser deixado para trás — murmura ele por fim.

— Você me tirou dos destroços, não foi? — pergunto.

— Estava fazendo meu trabalho.

— Bem, agora estamos quites.

Ele fica em silêncio, os olhos na grama. Pego o telefone por satélite e confiro se não perdi nenhuma chamada de Sam e se o aparelho está intacto depois do acidente. Em seguida, bato nos bolsos para ver se esqueci de alguma outra coisa útil que possa estar comigo.

— Perdeu alguma coisa? — pergunta Briggs.

— A arma mogadoriana, no acidente. Eu tinha colocado na mochila.

Ele encolhe os ombros e tira uma pistola de um coldre nas costas.

— Sabe usar uma dessas? — indaga.

— Sou melhor com rifle de longo alcance, mas acho que consigo me virar.

Ele dá uma risada e me entrega a arma. Na lateral está escrito "Beretta".

— Não é uma arma alienígena — comenta ele. — Mas quebra o galho.

Briggs tem um pouco de gaze extra no bolso, e eu o convenço a me deixar fazer um novo curativo em sua perna. Ele precisa de cuidados médicos de verdade, mas, no momento, é o que dá para fazer.

Quando Lujan volta, estou acabando.

— O caminho está bem tranquilo em frente — diz ele. — Vi uma patrulha mog indo para o local do acidente. Eles devem ter sido

chamados para procurar sobreviventes. Espero que os cretinos não sejam muito bons em rastreamento.

Ele vê a pistola na minha mão.

— Não use isso a menos que precise. A discrição é nossa maior vantagem no momento.

Há um barulho no alto. Gamera está saltando em um galho, fazendo barulhos estranhos de roedor e olhando de mim para as árvores pelas quais já passamos.

— Vamos... — começa Lujan.

A continuação da frase, independentemente do que seja, é abafada pelo rugido intenso vindo das árvores atrás de nós.

CAPÍTULO SEIS

Uma espécie de animal sai das sombras. Não, é mais como um demônio. Mesmo na relativa escuridão, vejo sua cara grotesca. Os traços têm algo de morcego. Os olhos pretos ficam acima do que parece uma fileira de quatro ou cinco narinas agitadas — será que a criatura nos encontrou pelo cheiro? A mandíbula abre tanto que parece solta, exibindo fileiras de dentes irregulares dos quais pinga saliva na grama. O monstro tem braços e pernas compridos e musculosos demais para ser confundido com um animal da Terra, além de um chifre pontudo em cada cotovelo ou junta. À luz fraca, não sei dizer se seu corpo de aparência escorregadia é cinza ou azul-escuro.

— Que porra é essa? — pergunta Lujan.

Um monstro mogadoriano, penso, me lembrando de Sam, Adam e os outros falando sobre essas criaturas.

Mas não tenho tempo para explicar. A besta rugue outra vez e começa a correr nas quatro patas, impulsionada pelos membros imensos. Levanto a arma e puxo o gatilho. Há apenas um clique, sem disparo.

— Solte a porcaria da trava! — grita Briggs, abrindo fogo.

Lujan se junta a ele, disparando um revólver gigante que parece capaz de derrubar um elefante.

A criatura parece inabalada, ou talvez não tenha sido atingida por nenhum dos tiros. Qualquer que seja o caso, ela dispara em nossa direção, me arrancando do caminho com um braço imenso, e sou lançado no tronco de uma árvore. Briggs o engana, desviando do golpe seguinte e indo para trás. Uma saraivada de balas de seu fuzil

de assalto destrói uma das pernas da criatura. O membro cai com força no chão.

Ouçó atrás de mim alguém lançar ordens em um idioma que faz todos os músculos do meu corpo ficarem tensos. Há uma dezena de mogs — talvez mais — correndo na nossa direção por entre as árvores, tentando chegar até a fera. Vários já estão se aproximando.

— Mogs! Protejam-se! — grito, ficando de pé.

Briggs se abaixa atrás de outra árvore perto de mim enquanto os disparos fazem chover cascas de troncos queimados ao redor. Solto a trava da pistola, e atiramos no esquadrão que se aproxima. Alguns dos mogs se desintegram. Atrás de mim e vários metros à esquerda, Lujan dispara em um ritmo constante, mogs virando fumaça a cada tiro. A arma ressoa como um canhão toda vez que ele puxa o gatilho.

Em algum momento, o monstro deve ter desaparecido. Não o vejo em lugar algum. Ou talvez tenha se tornado pó, destruído por Lujan.

— Acabou — digo quando minha arma fica sem munição.

Briggs joga um novo pente para mim, e eu me atrapalho para recarregar.

É quando ouço um rugido vindo de cima e me viro bem a tempo de ver a criatura saltar das árvores, usando sua perna musculosa restante para se atirar bem na minha direção. Sou lento demais e não tenho a arma carregada e na mira a tempo. O monstro ergue um dos cotovelos, pronto para me atingir com a junta dentada.

Assovio.

É um reflexo — em pânico, eu me esqueci do meu guarda-costas, mas alguma parte primitiva da minha consciência deve ter percebido que assoviar seria a única coisa que me salvaria. Gamera desce em uma fração de segundo, com certeza estava nas árvores, à espera do momento de atacar, movendo-se com tanta rapidez que me pergunto se já estava no ar quando chamei. O Chimæra assume a

forma de uma pantera, interceptando a fera mog no ar, enfiando os dentes afiados na perna boa do monstro.

— Que diabo está acontecendo? — grita Lujan, apontando a arma para os animais lutando diante dele.

— Não atire! O felino está comigo!

Ele olha para mim, confuso. É quando um disparo o atinge na barriga. Lujan geme, segurando o estômago enquanto se ajoelha.

— Merda! — exclama Briggs.

Ele começa a avançar, mas há um alvoroço de feras entre nós e Lujan, sem contar a meia dúzia de mogs ainda atirando em qualquer coisa que se move.

— Gamera!

Não sei o quanto os Chimæra compreendem alguém que não seja um Garde, mas a pantera olha na minha direção enquanto rasga a perna restante do monstro. Aponto para o meio das árvores, de onde está vindo o fogo.

— Ataque.

Ele deve entender alguma coisa, porque se transforma em uma ave e voa acima de nossas cabeças. Momentos depois, ouço um rugido, seguido pelo grito de um mogadoriano. Dura apenas alguns segundos antes de fazer-se silêncio.

Dou alguns passos para a frente, ficando perto das árvores para me proteger. Quando me aproximo do monstro mog, ele ruge para mim, esforçando-se para se levantar usando apenas os braços.

Levanto a pistola e atiro sem parar. Todas as balas se alojam na cabeça do desgraçado. Um muco escuro e viscoso se espalha pelas árvores e na grama atrás dele. Uns segundos depois, minha pistola fica sem munição de novo.

O monstro cai no gramado. Sem vida. Então, começa a se dissolver lentamente, até não haver nada além de uma pilha de cinzas.

Apesar de estar em um tiroteio com invasores que vieram dominar meu planeta, não consigo deixar de sentir satisfação toda

vez que um deles se transforma em pó.

Talvez eu não seja tão inútil, afinal.

— Merda, estou quase sem munição — diz Briggs.

É quando me dou conta de que os disparos inimigos também pararam.

Gamera vem correndo do meio das árvores, de novo na forma de uma pantera negra, os pelos brilhantes cobertos de cinza.

— Meu Deus — repete Briggs diversas vezes. — O que está acontecendo?

Não consigo responder. Lujan está gemendo na minha frente, a mão na barriga. Há fumaça saindo dos buracos no peito. Ele deve ter sido atingido algumas vezes quando não estávamos acompanhando. Há sangue por todo canto.

Eu me ajoelho ao lado dele, mas é tarde demais. Ele aponta na direção da Union Station e então para de respirar. Tudo o que faço é fechar seus olhos e murmurar um pedido de desculpas por ele ter sido arrastado para aquilo, dizendo a mim mesmo que Lujan será a última vítima dessa guerra, mesmo sabendo que não é verdade.

— Ele está... — começa Briggs.

Faço que sim com a cabeça.

— Essa coisa... — pergunta ele, apontando com o fuzil para Gamera, que examina as árvores, farejando o ar. — Esse... esse animal... é alienígena também?

— Este *animal* está do nosso lado. E acabou de salvar nossa vida.

Briggs se afasta de mim, sem tirar os olhos de Gamera até estar perto de Lujan. Há remorso em seu rosto.

— Precisamos chegar à estação — diz ele com a voz baixa. — Esse tiroteio deve ter alertado todos os inimigos no raio de um quilômetro. Estarão aqui logo, logo.

— O que fazemos com o corpo? — pergunto.

Briggs apenas balança a cabeça.

— Ele preferiria garantir que a missão fosse completada.

Entendo o argumento, mas o coronel perdeu a vida tentando me levar ao presidente. Não posso deixá-lo aqui, ao relento. Arrasto Lujan até um emaranhado de arbustos e tento escondê-lo da melhor maneira possível. É minha melhor ideia. Digo a mim mesmo que, quando chegarmos a qualquer que seja o destino final, posso mandar alguém para buscar o corpo dele, mas no fundo sei que há preocupações muito maiores.

Não me dou conta do quanto minhas mãos estão trêmulas até largá-lo. Apesar de todas as lutas de que participei, ainda não me acostumei com a morte. Na verdade, ninguém deveria se acostumar com algo assim.

Briggs se agacha ao meu lado, pegando a arma e a munição de Lujan. Quando termina, faz um sinal com a cabeça para mim e seguimos em frente. Briggs deve sentir uma dor terrível a cada passo, mas não solta um "ai" ou sequer diminui o ritmo. Vou atrás dele, me perguntando como as coisas ficaram tão ruins. E penso no meu filho.

Será que Sam está em segurança?

E não posso deixar de pensar nos outros, também. Adam, o restante dos Gardes, Sarah — até mesmo em Noto e os agentes que deixamos para trás em Ashwood.

O que aconteceu com eles? O que vai acontecer com todos nós?

CAPÍTULO SETE

Avançamos sem incidentes, embora o trajeto seja um pouco nebuloso para mim. A adrenalina é a única coisa que me mantém em movimento, graças ao choque por tudo o que está acontecendo combinado com minha falta de sono. A certa altura, um esquadrão de mogs passa correndo por nós em Humvees, mas Briggs e eu ficamos perto dos parques e das árvores, e de alguma forma não somos pegos. Minha mente está cheia de perguntas. *Quem está fornecendo veículos aos mogs? O que eles estão fazendo agora que, pelo visto, têm liberdade total para se locomover pela cidade?*

Ligo para Sam no caminho, mas ele não atende.

Tento ao máximo não pensar no que isso significa, mas a preocupação com a segurança dele continua a dominar minha mente.

Por fim, Briggs e eu chegamos à Union Station, uma gigantesca estrutura cheia de lojas, restaurantes e linhas de trem. Evitamos a entrada principal. Briggs me leva até uma porta lateral e tira um fone receptor do bolso quando entramos em um corredor estreito e vazio.

— Major Briggs falando — sussurra ele. — Estou com o recurso. Conseguem ver?

Ele aponta para uma câmera na parede. Alguém deve ter respondido.

— Negativo — diz ele. — Somos apenas nós dois. — Ele se vira para mim. — Todos os trens e ônibus estão suspensos. A estação deveria ter sido evacuada, mas imagino que ainda haja inimigos

patrulhando. Mas nosso caminho não irá nos levar para perto dos saguões principais.

— Com quem você... — começo, mas Briggs leva o dedo aos lábios e balança a cabeça duas vezes.

Ouçó o eco distante de vozes mogadorianas vindo de algum lugar do corredor. Eles estão ali.

Briggs manca por um corredor auxiliar e depois até uma série de escadas espirais, hesitando vez ou outra para descobrir aonde ir, segurando o fone de ouvido com o dedo e, suponho, escutando orientações. Não sei se nosso caminho é uma rota para evitar os mogadorianos ou se é complicado por si só. Ele se comunica apenas por gestos, os olhos o tempo todo procurando sinais de movimento, enquanto seguimos pelo labirinto de corredores e salas de serviço que a maioria das pessoas nunca vê. Gamera nos acompanha, zumbindo na forma de um inseto, pronto para se transformar a qualquer momento.

Por fim, chegamos a um cômodo que se parece com um escritório — embora, com base na mobília e no carpete cor de abacate, pareça não ter sido redecorado desde que eu era menino. Briggs encontra na parede um teclado touch atrás de um pequeno quadro da Casa Branca. É a única coisa que parece nova ali. Ele digita um código e baixa a cabeça para o teclado, que deve ter algum tipo de sensor de retina. A parede ao lado dele se move, e uma série de placas grossas de aço desliza para o lado, revelando uma salinha com um piso de grade de metal.

Ele gesticula para eu passar, depois solta um longo suspiro enquanto as paredes voltam para o lugar atrás de nós. Em seguida, aciona um interruptor, e o piso começa a se mexer.

Estamos em um elevador.

— Graças a Deus — diz ele, encostando-se na parede, enfim contraíndo o rosto e agindo como um homem ferido.

— Isso é loucura — sussurro.

Não consigo calcular quantos lanços de escadas descemos, mas tenho a impressão de que estamos muito abaixo do nível que qualquer estação subterrânea de metrô teria.

— Há túneis secretos e salas de segurança neste prédio desde a administração de Truman. Quando a Guerra Fria começou a ficar séria, fizeram todo tipo de entradas e saídas secretas. E... Bem, digamos que os arquitetos foram criativos.

Paramos em um pequeno patamar. Há uma porta com uma placa dizendo "Somente funcionários".

— Devia ser um almoxarifado não utilizado — explica ele, apontando para a porta. — O que quer dizer...

Ele segue até uma parede vazia e começa a pressionar tijolos aleatoriamente, murmurando sozinho. Por fim, um deles afunda, e parte da parede desliza para o lado.

Briggs se vira para mim e sorri.

— O que eu falei? Você ficaria surpreso com o tipo de esquisitice que o governo criou nos anos 60 e 70. É como se tirassem inspiração dos filmes de James Bond.

O painel se fecha atrás de nós ao entramos no que parece um museu de vagões de trem — há dez ou mais enfileirados à nossa frente.

— Que lugar é este? — sussurro baixinho, olhando ao redor.

Não parece haver outra entrada ou saída.

— O centro de transportes confidencial da Union Station. — Ele aponta para uma das câmeras na parede e manca até lá. — Ótimo. Parece que mandaram nosso carro de volta. Não vamos precisar esperar por ele.

— Como você sabe disso tudo? — pergunto.

Mesmo que ele seja um major, parece que a missão está muito acima de seu nível hierárquico.

— Há uma pequena equipe de soldados estacionada em uma base secreta aqui na cidade. Nossa principal preocupação é evacuar

em segurança recursos e alvos de alto nível caso haja uma emergência.

Ele digita um código na lateral de um dos trens, e a porta se abre. O vagão é mais ou menos do tamanho convencional de metrô, mas a decoração é de um jato particular: toda em veludo e couro.

— Incrível — murmuro, enquanto Gamera pousa em um banco e assume a forma de uma tartaruga.

— Você ainda não viu nada. Olha isso.

Briggs vai até a frente da composição e aperta uma série de botões. O trem sacode e de repente estamos afundando no concreto, até todo o vagão ficar vários metros abaixo do piso. Um conjunto de luzes se acende, e eu vejo trilhos adentrando um túnel escuro à nossa frente até desaparecer de vista.

— Chegaremos em uma hora. Por que não tenta dormir um pouco?

O vagão avança, me desequilibrando um pouco. Eu me seguro na lateral de uma poltrona antes de me largar nela.

É como se, ao sentar, meu corpo desistisse, pronto para desmaiar.

Enquanto Briggs se ocupa na frente da composição, pego o telefone via satélite. O que quer que Adam tenha feito com ele, funcionou bem, porque consigo sinal.

Mas Sam não atende.

Por favor, esteja a salvo, onde quer que esteja.

Antes que eu comece a me preocupar com meu filho ou imaginar o que ele pode estar fazendo, um sono escuro e sem sonhos toma conta de mim, e o resto do mundo desaparece.

CAPÍTULO OITO

— Malcolm!

Eu me sento num instante ao acordar com o som do meu nome, voltando à consciência com um susto.

— Até que enfim — diz Briggs. — Estou gritando há um minuto. Achei que ia precisar dar um tapa na sua cara de novo.

Ele está no banco diante de mim, a perna ferida estendida. O curativo está começando a ficar com sangue nas bordas. Percorro o vagão com os olhos até encontrar Gamera, ainda em forma de tartaruga, roncando no chão aos meus pés.

— Onde estamos? — pergunto.

— Quase no bunker. Imaginei que você iria querer ter alguns minutos para acordar.

Concordo com a cabeça, esfregando os olhos, que ardem, e me dou conta de que devo estar prestes a ficar desidratado, se é que já não estou. Olho para o telefone. Nada, ainda. Dormi menos de uma hora.

— Ainda estamos no subterrâneo?

— O sistema todo é subterrâneo — responde Briggs. — É secreto, lembra?

— Fascinante — digo, ainda tentando entender o que está acontecendo.

Desde que fui libertado dos mogs, acordar vem se mostrando um processo em que aos poucos me lembro de onde estou e do que estou fazendo — ainda mais se me encontro em um lugar estranho.

— Tenho tantas perguntas que não sei por onde começar.

— Você tem perguntas? — retruca ele, então aponta para Gamera. — Aquilo ali é um bichinho de estimação alienígena que muda de forma. É a coisa mais maluca que já vi. Bom... talvez teria sido uma semana atrás. Antes de todo o resto.

Gamera encara o dedo dele com curiosidade.

— Parece estar com fome — comenta Briggs.

— Ele não morde — digo. — Pelo menos acho que não. O nome dele é Gamera. Foi ideia minha. Ele... sempre pareceu gostar do meu filho.

Briggs resmunga alguma coisa que não entendo.

— Quando chegarmos aonde quer que estejamos indo, gostaria que você não mencionasse o poder dele aos outros. Não que eu não confie em ninguém... é só porque temo que...

— Não se preocupe — interrompe ele. — Você tem razão em ser cauteloso. Todo mundo está inquieto. Ainda estamos tentando descobrir quem está com os mogadorianos e quem não está. Mas o grupo reunido no bunker é seletivo. Ainda assim... quer dizer, alienígenas existem, então não sei mais o que esperar.

Eu preciso me concentrar. Nomes passam pela minha mente — homens e mulheres que sabemos serem agentes ProMog.

— O vice-presidente estará no bunker? — pergunto.

Pelo que me vem à mente, ele é a autoridade mais alta que vendeu a alma aos mogadorianos.

— Não. Pelo que sei, está desaparecido. Sumiu junto com os seguranças logo depois do que aconteceu na ONU. Já devem tê-lo encontrado a esta altura, mas é procedimento padrão manter o presidente e o vice em locais diferentes em uma situação assim. Sabe, para que não sejam mortos ao mesmo tempo caso alguma coisa dê errado.

— Ah — digo. — Isso é bom.

— Você acha que...

Ele não termina a pergunta. Apenas a deixa no ar. Mas fica óbvio o que está na cabeça dele.

— Os federais acham que ele está trabalhando com os mogs.

Foi uma das primeiras coisas que Walker nos disse quando apareceu em Ashwood. Isso foi *mesmo* ontem?

— Meu Deus. — Briggs desvia o olhar e volta a me encarar. Seu olhar é penetrante. — *Meu Deus!* Nós temos alguma chance?

— Preciso acreditar que sim — respondo.

Briggs parece reconfortado. Os músculos do rosto relaxam um pouco.

— Não vou falar de Gamera — diz ele.

— Sabe, você nunca me disse como se chama.

— Major Briggs.

— Isto é, seu primeiro nome.

— Ah. — Ele encolhe os ombros. — É. Acho que todo mundo se acostuma a usar o sobrenome. É Samuel.

Sam.

É claro. Sorrio, ainda que minha preocupação por Sam volte com força.

— É o nome do meu filho.

— Ele não estava em Ashwood, estava?

— Não. Já tinha saído. Foi para Nova York tentar deter os mogadorianos. Ele está lutando contra eles há meses, tentando evitar que tudo isso acontecesse. Trabalhando com os Gardes. Os alienígenas *bons*.

Briggs assente com a cabeça, mas não diz nada por um ou dois minutos. Quando fala, sua voz tem o tom mais suave que eu ouvi desde que ele apareceu para me levar até um bunker secreto.

— Minha mãe é a única pessoa que me restou. Ela mora no Bronx, mas... trabalha na cidade. Eu não consegui entrar em contato.

Um lampejo de dor passa pelo rosto dele, então desaparece. Briggs volta à expressão fechada que parece ser seu estado natural.

Dou meu telefone a ele.

— Aqui — digo.

— Não tem sinal no subterrâneo.

— Tem, sim.

Ele me olha com curiosidade e pega o telefone.

— Como isso é possível?

— Longa história.

Eu o vejo digitar o número com cuidado, os dedos hesitando a cada botão. Ele leva o telefone à orelha por um longo tempo antes de me devolver, balançando a cabeça.

— Tenho certeza de que ela está bem — digo, sabendo muito bem que essa garantia é inútil.

A velocidade do trem começa a diminuir. Briggs fica de pé.

— Ela é uma senhora durona. Tenho certeza de que está bem. Olha só, pode devolver minha arma? São meio criteriosos quanto a quem pode portar armas aqui embaixo.

Entrego a pistola. Ele manca um pouco ao se posicionar diante da porta deslizante do vagão. Os freios guincham, e enfim paramos. O major se alonga, cerrando os dentes ao colocar peso sobre a perna ferida.

— Espero que tenham uma ótima equipe médica aqui. E água quente.

Gamera volta a assumir a forma de um inseto e salta para meu ombro quando me coloco ao lado de Briggs.

— E café — acrescento. — Espera. É a primeira vez que você vem aqui?

— Pessoalmente, é. Mas conheço a planta como a palma da minha mão, então sei bem o que esperar.

A porta se abre, e a primeira coisa que vejo são cinco homens de terno escuro apontando metralhadoras para meu rosto.

Briggs não recua ao ver as armas. Eu, por outro lado, dou um salto e levanto as mãos.

— Major Samuel Briggs — diz um homem de preto quando dá um passo à frente.

Briggs o cumprimenta com a cabeça. O homem leva um pequeno dispositivo eletrônico até os olhos dele e o faz colocar os dedos sobre um tablet. Deve ter passado no teste, qualquer que seja, porque o homem se afasta para que Briggs saia do vagão.

— Este é o recurso, Malcolm Goode — anuncia Briggs ao se colocar entre os homens; nenhum deles desvia a arma de mim. — Ele foi revistado. Eu o desarmeí.

Apesar disso, um dos homens de terno dá um passo à frente e me revista. Ele mostra meu telefone via satélite para o homem que parece estar no comando, mas este apenas balança a cabeça.

— Não vai servir de nada tão fundo no subterrâneo e com todos os nossos escudos — conclui ele, e eu sinto um aperto no coração. Ele continua: — Mão.

Estendo a mão, me sentindo na obrigação de obedecer a qualquer ordem, e ele a posiciona sobre o tablet. Uma velha foto minha aparece na tela — sei que foi usada em cartazes de “desaparecido” quando sumi —, junto com uma espécie de registro cheio de informações a meu respeito. O homem puxa o tablet antes que eu leia alguma coisa.

— Bem-vindo à Base Liberty — diz ele. — Sou o vice comandante Richards, do serviço secreto. Acompanhe-me.

— Espere. Como vocês têm minhas digitais? — pergunto, guardando o telefone que o outro homem me devolveu e grato a todo o universo pelo fato de o sujeito não ter conferido o sinal. — Que informações foram obtidas?

O homem solta uma risadinha e não se dá ao trabalho de responder às perguntas. Apenas se vira e começa a caminhar na direção de uma porta do outro lado da sala, que não passa de uma grande caixa de concreto. Só então noto um homem de jaleco pairando sobre um painel de controle em um canto.

— Mantenha o trem aqui — diz Richards a ele quando passamos. — Este é o último de nossos convidados da Union Station.

Ele nos leva até uma passagem estreita. As paredes e o piso são cinzas como ardósia. Nossos passos ecoam pelo corredor. Briggs vem atrás de mim, seguido pelos homens armados.

— Você está ferido, Major — observa Richards, sem olhar para trás. Eu me pergunto se ele notou o curativo antes ou se chegou a essa constatação pelo som irregular dos passos de Briggs. — Vamos acordar a equipe médica.

— Onde estamos? — pergunto.

— Você está em um bunker subterrâneo secreto. É tudo o que tenho liberdade de contar no momento.

Ele se vira. Mais uma passagem. Quanto tempo passei percorrendo labirintos subterrâneos nos últimos dias? Esta “Base Liberty” está começando a me lembrar Ashwood, e não é exatamente uma sensação boa.

— Disseram que o presidente mandou me buscar. Quando irei me encontrar com ele? Há muito a discutir sobre os mogadorianos e quem no governo...

— São quase quatro da manhã. Todos estão fazendo uma pausa de duas horas antes de se reunir outra vez. Quando sua presença for requisitada, alguém irá buscá-lo.

Ele para diante de uma porta e a abre. Vejo um quartinho com uma mesa e uma cama coberta. Há um frigobar e um armário pequeno entre duas portas estreitas. É um pouco melhor do que eu esperaria de um quarto de alojamento ou de hotel barato.

— Há roupas limpas no armário e produtos de higiene no banheiro. Também há água e comida.

— Vocês me trouxeram até aqui para me colocar em um quarto e... — começo.

— Terá que nos perdoar por não haver uma cesta de presentes e uma suíte presidencial à sua espera, mas estamos em uma situação de emergência, Dr. Goode. Aconselho que fique aqui até ser chamado. Não fique passeando pelos corredores. Manterei um homem à sua porta... caso precise de alguma coisa.

— Espere — digo, me sentindo mais como prisioneiro do que como alguém que está ali para ajudar o presidente. — Não vão me dizer onde estou e eu não devo sair do quarto? O que está acontecendo aqui?

Richards dá um sorrisinho.

— Se quiser ir embora, tem permissão, doutor. Pedirei a alguns de meus homens que o acompanhem até a superfície e garantam que você nunca mais encontre este lugar.

Olho para Briggs, que assente para mim de uma maneira que deveria ser encorajadora. Então, suspiro e entro no quarto.

— Alguém o chamará mais tarde — continua Richards. — Durma um pouco. O dia será longo.

A porta se fecha, e eu fico sozinho. Fiquei esperando que a porta fosse trancada, mas não aconteceu. Pelo menos não que eu tenha conseguido escutar.

Vou lavar o rosto no banheiro minúsculo e percebo que a combinação de sujeira e vários dias de barba por fazer me deixaram com a aparência de um mendigo. É só quando a água na pia fica cor-de-rosa que me dou conta de que minhas mãos estão sujas de sangue. De fazer curativo em Briggs ou de tocar em Lujan. Talvez até seja meu — tenho um corte na lateral da cabeça e sangue nos cabelos. Pego o telefone. Não sei o que Adam fez com o aparelho, mas é genial: tem sinal, apesar do que Richards disse. Estou prestes a voltar ao quarto e ligar para meu filho quando paro, olhando ao redor. Considerando o quanto todos estão sendo sigilosos, tenho certeza de que não deveria ter contato com o mundo exterior, e o quarto com certeza tem escutas. Como não posso perder o telefone, fico no banheiro, fecho a porta e ligo a torneira e o chuveiro, tentando esconder minha voz o máximo possível.

Tento ligar para Sam, mas ele não atende. De novo. Dou um soco na pia, fazendo o espelho tremer.

Disco outro número. Desta vez, alguém atende.

— Alô?

- É o Malcolm. Espero não ter acordado você.
- Eu não durmo muito — responde Noto.
- Que bom saber que você escapou daquela bagunça.
- Digo o mesmo. Alguns homens estão feridos, mas vão ficar bem. É necessário mais do que aquele grupo de batedores que os mogs mandaram para nos destruir. Mas eles vão voltar.
- É provável — comento. — Mas não sei ao certo se Ashwood é uma grande prioridade para eles agora.
- Não tem importância. Estamos juntando tudo o que conseguimos dos arquivos e indo para um esconderijo. — Ele faz uma pausa. Quando volta a falar, o tom de voz é mais baixo. — Não recebemos nenhuma notícia de Walker, mas agora que os mogs sabem que estamos aqui, não podemos ficar esperando outro ataque. Vamos partir em breve, antes do nascer do sol. Mas não se preocupe. Estamos, hum, tentando levar as aves de guarda conosco. Onde você está? Está em segurança?
- Olho ao redor, para as paredes estéreis do banheiro. O vapor do chuveiro está começando e encher o ambiente. De repente, começo a me sentir claustrofóbico.
- Bem — digo baixinho —, eu não faço ideia.

CAPÍTULO NOVE

Alguém bate com força na porta, me acordando. Saio cambaleando da cama, onde caí no sono ainda vestido, por cima do cobertor. Minha mente está confusa, e o relógio me diz que estou no quarto há poucas horas.

Richards está do outro lado da porta. Ele me dá uma olhada de cima a baixo.

— Você tem cinco minutos para se arrumar — anuncia ele. — Foi intimado para o centro de comando.

— Intimado? — pergunto, tentando me concentrar e entender o que está acontecendo.

Examino minhas roupas amarrotadas. Não sei ao certo quando tomei banho pela última vez. Se eu quiser que alguém me leve a sério, preciso ficar um pouco mais apresentável.

— Cinco minutos — repete ele.

Após fechar a porta, encontro no armário uma camisa que fica um pouco grande e a coloco para dentro das calças. Em seguida, escovo os dentes, limpo os óculos e tento domar meu cabelo, que está completamente arrepiado. Estou acabando de calçar os sapatos quando batem outra vez na porta. Gamera zumbe ao meu lado, mas balanço a cabeça, estendendo a mão até ele. O Chimæra já salvou minha vida, e não quero correr o risco de expô-lo na frente de quem eu for encontrar. Alguém com certeza vai acabar percebendo que há sempre um inseto andando em cima de mim.

No corredor, Richards me dá um copo de isopor com café.

— Está puro — diz ele.

— Como eu gosto.

— Que bom.

Ele dá meia-volta e segue pelo corredor.

— Vocês têm certeza de que podem confiar nas pessoas que reuniram aqui? Os ProMog, os apoiadores humanos dos alienígenas, vão fundo. O vice-presidente, o...

— Houve um motim generalizado na administração ontem, quando foi tudo pelos ares. Um verdadeiro esquadrão de elite solicitado pela sua amiga, a agente Walker, cuidou da maioria dos que você chama de "ProMog". Estão sob custódia. Os que conseguiram fugir estão escondidos. Os homens e mulheres que estão aqui foram avaliados ou, em alguns casos, convocados da reserva. Mesmo assim, estamos de olho em todos.

Não tenho dúvida de que meu quarto está grampeado.

— É por isso que estamos tão isolados? As outras pessoas também não sabem onde estamos?

— *Nós* decidimos em quem podemos ou não confiar — responde ele enquanto passamos por uma série de portas que me faz imaginar quantas pessoas estão aqui embaixo. — Lembre-se de que você foi trazido até aqui como consultor especial, mas que só deve prestar consultoria quando solicitado. As decisões tomadas aqui, quaisquer que sejam, são definitivas e pelo bem maior do país. E, acima de tudo, são secretas. Compartilhar qualquer informação com pessoas não autorizadas será considerado traição.

— Claro — digo, me perguntando se não teria sido mais inteligente ficar em Ashwood mesmo.

Richards para na frente de portas duplas espessas guardadas por quatro militares uniformizados e armados.

— O destino dos Estados Unidos, e muito provavelmente do mundo, está sendo decidido aqui. Há uma cadeira para você encostada na parede de trás. Mantenha-se em silêncio até que solicitem sua resposta.

Ele empurra uma das portas e me faz entrar.

A sala está pouco iluminada. A maior parte da luz vem dos imensos monitores que cobrem as paredes, mostrando noticiários de todo o mundo. Pelo menos dois deles mostram o vídeo de Sarah sobre John e os Gardes. Outro mostra imagens trêmulas de um prédio destruído em Manhattan.

Será que Sam está em segurança?

A sala em si é quase toda ocupada por uma mesa retangular gigante de mogno laqueado à qual está sentada uma dúzia de homens e mulheres. São pessoas que têm desde minha idade até uns sessenta anos, talvez um pouco mais. Reconheço alguns como membros do gabinete. Um punhado de assistentes de aparência mais jovem pairam mais atrás, fazendo anotações, digitando em dispositivos eletrônicos, às vezes sussurrando no ouvido de alguém à mesa.

As vozes preenchem o ar, se sobrepondo, todas competindo por atenção.

“... a Guarda Nacional no Brooklyn. Tropas estão sendo mobilizadas na Geórgia, mas o mais rápido que conseguiremos levá-las até lá...”

“... obviamente seria um último recurso, mas temos protótipos não testados de armamentos que poderiam se mostrar eficazes...”

“... viu o que aconteceu na China. As navas de guerra são protegidas por uma espécie de campo de força. Podemos acabar bombardeando nossos cidadãos se lançarmos mísseis contra eles...”

“... sugere que uma evacuação completa das principais cidades norte-americanas pode salvar milhões de vidas, mas o custo e a logística iriam...”

“... marchando pela Ponte do Brooklyn ao mesmo tempo em que deixa unidades no Central Park...”

No outro lado da sala, Arnold Jackson, o presidente dos Estados Unidos, está de pé, de costas para a mesa. Está com um telefone fixo na orelha. Depois de alguns segundos, ele solta o fone. Observo-o respirar fundo e se recompor antes de voltar para a

mesa. Não se senta, apenas apoia as mãos na madeira polida. Está com olheiras profundas. O cabelo curto está mais grisalho do que eu vinha percebendo na tevê. Ele parece ter envelhecido dez anos nas últimas vinte e quatro horas. O resto da sala fica em silêncio.

— A União Europeia está oficialmente aberta à ideia de negociar com Ra, apesar da forte desaprovação de diversas nações, inclusive Alemanha e Espanha. Há tumultos se espalhando por toda a cidade de Moscou. Houve confirmação visual de uma nave pairando sobre a Coreia do Norte, mas como o país não se comunica com o exterior, não fazemos ideia de como vão reagir. Ninguém planeja atacar as naves depois de ver o que aconteceu em Pequim e as consequências da resistência em Nova York, mas todos estão juntando forças em sigilo para um contra-ataque, caso seja necessário. E aqui estamos nós, nos escondendo em um bunker subterrâneo enquanto naves de guerra pairam sobre milhões de cidadãos americanos. Então me digam, o que faremos agora?

Todos começam a falar ao mesmo tempo. Isso dura uns cinco segundos.

— Chega — interrompe Jackson. Ele se vira para um homem mais velho sentado à esquerda, vestindo um uniforme de oficial coberto de estrelas e medalhas. — General Lawson. Qual é sua avaliação da situação?

Lawson se encosta no espaldar da cadeira.

— Nova York e Pequim foram jogadas de poder — responde ele, em uma fala lenta, com um leve sotaque sulista que não identifico de onde é. — Esses alienígenas são espertos. Vêm se infiltrando pouco a pouco entre nós há anos. Isso quer dizer que entendem nosso funcionamento como países individuais e como planeta. Sabem como somos. Não se destrói uma cidade como Nova York só porque uma coletiva de imprensa deu errado. Se faz isso para mostrar que tem poder. Que se pode fazer isso de novo. Nova York foi a bomba atômica deles. Diabo, aposto que os contra-ataques em Pequim foram orquestrados pelos cretinos para mostrar ao resto do

mundo que eles são intocáveis. Estão nos dizendo, sem sutileza, que este planeta é deles, se quiserem. A mim, parece que temos dois cursos de ação: tentar sermos mais inteligentes do que eles ou explodi-los. Nem um nem outro será fácil.

— Há uma outra opção — ressalta o presidente. — Ouvimos os mogadorianos. Fazemos o jogo deles... pelo menos por ora. Se começarem a matar mais civis, que escolha temos?

— Você está falando em rendição? — pergunta Lawson, estreitando os olhos. — Eu preferiria ver a extinção da humanidade a nos tornarmos escravos. Existe a possibilidade de que empregar alguma medida mais extrema possa...

— Não autorizarei um ataque nuclear em solo americano — declara o presidente. — Mesmo que abatêssemos uma daquelas naves, os resultados seriam catastróficos, e os inimigos provavelmente abririam fogo contra as outras cidades de imediato.

— Ah, eu concordo — responde Lawson. — Vamos deixar para algum outro país o comichão no dedo de testar armas nucleares. Minha sugestão é enviar equipes pequenas para Nova York. Tomar algumas das naves menores e fazer soldados como reféns. Ver o que descobrimos ou fazer engenharia reversa. Também devemos começar a interrogar os traidores ProMog que prendemos. *Agressivamente.*

Jackson concorda com a cabeça, então aponta para um dos monitores que está transmitindo o vídeo de Sarah.

— E este "Garde"? John Smith. Nós o encontramos?

— Gardes são alienígenas ilegais que podem ter acabado de começar uma guerra interplanetária em solo americano — resume uma mulher loura com o cabelo preso em um coque. — Ra estava falando em paz antes de ser atacado.

Estreito os olhos para avaliar a mulher, tentando imaginar como os Gardes poderiam ser culpados por isso. Mas, por outro lado, essas pessoas não conhecem os lorienos como eu.

— Isso foi antes de ele se transformar em um monstro ao vivo na televisão — acrescenta outro.

Logo todos passam a falar ao mesmo tempo de novo.

— São *alienígenas*. Como você esperava que fosse a aparência deles?

— Por que não diz à população de Manhattan que eles vieram em paz?

— Temos tropas procurando por ele em Nova York neste instante — diz Lawson, então se levanta e começa a andar ao redor da mesa.

— Francamente, senhor, apesar do que seus informantes do FBI dizem, eu não colocaria muita fé em *nenhum* desses extraterrestres. Não sabemos nada a respeito deles além do que esse vídeo anônimo diz. O inimigo de nosso inimigo *nem sempre* é um amigo. Quem pode confirmar que esse John Smith não é pior do que Ra?

— Ele não é — declaro, dando um passo para a frente; todos se viram para mim. — Ele é... *Eles* são nossa única esperança de derrotar os mogadorianos.

Richards põe a mão em meu ombro e me puxa para trás, mas o presidente me chama.

— Malcolm Goode, não é? — pergunta o general, pronunciando cada sílaba com cuidado. — Seja bem-vindo. Sabe, pesquisei sobre você quando ouvi que o presidente mandou chamá-lo. Parece que muitas das suas teorias e ideias foram desacreditadas por seus colegas quando você era professor. Na verdade, elas lhe custaram seu emprego, não foi? Antes de ser abduzido por alienígenas.

Ele faz uma pausa. Sei por quê. Mesmo quando provas de vida extraterrestre estão caindo do céu, alegar que fomos abduzidos *ainda* parece loucura para a maioria das pessoas. Ele continua:

— Como podemos ter certeza de que você não é apenas um maluco que vai nos dizer que o pé-grande comanda os illuminati?

Sinto o rosto queimar, uma mistura de raiva e constrangimento. Então respondo:

— Como o devido respeito, general, sei mais sobre o que está acontecendo no mundo neste momento do que qualquer outra pessoa nesta sala.

— Se esteve todos esses anos com os mogadorianos, será que você não é um espião?

Richards fala atrás de mim:

— O major Briggs informou que os inimigos se esforçaram *bastante* para matá-lo.

— Mas não o suficiente, pelo visto — diz Lawson com um meio sorriso.

— Muito bem, general, basta — retruca Jackson. — Dr. Goode, compreendo que não foi fácil para o senhor chegar aqui. Obrigado por vir. O que pode nos dizer sobre o que está acontecendo?

Respiro fundo.

— Bem... Na verdade, o processo está em andamento há mais de uma década. Há mais tempo ainda, na verdade. E isso só levando em conta o papel da Terra.

Conto tudo a eles — ou pelo menos as partes mais relevantes — o mais rápido possível. Minha prisão. Paradise. Chicago. A base mog em West Virginia. Não faz mais sentido esconder. Algumas pessoas à mesa seguram o riso ou reviram os olhos quando conto sobre os piken ou os poderes dos Gardes. Embora tenham visto John em ação na tevê, é difícil descrever a habilidade de Seis para criar tempestades. Mas se calam quando começo a contar como descobrimos que os mogs e o governo estavam trabalhando juntos. Ao longo de toda a minha fala, o presidente e Lawson ficaram me encarando, sem nem exibir uma emoção sequer.

— E agora estou aqui — concluo.

A sala fica em um silêncio sepulcral por alguns segundos. Quase me arrependo por não ter levado Gamera comigo. Eu faria um encerramento e tanto se o atirasse à mesa e deixasse todos boquiabertos ao verem-no se transformar. É claro que haveria a

possibilidade de isso ser interpretado como um ataque contra o presidente, o que faria com que eu e Gamera fôssemos mortos.

— Precisaremos retomar a base em Dulce — declara Jackson, por fim. — Quero saber que diabo aconteceu lá e *por que* não ficamos sabendo a respeito. E vejam se conseguimos rastrear o esquadrão do FBI que estava passando o pente fino nos arquivos de Ashwood. Ofereçam tudo o que for necessário para proteger as informações que recolheram na base mog e descubram se têm qualquer pista sobre como abater aqueles campos de força das naves de guerra. Talvez haja alguma coisa naqueles arquivos. E alguém descubra onde fica esse lugar em West Virginia.

— Senhor presidente — diz Lawson. — Esta história é muito boa, mas estamos falando de um bando de adolescentes contra todo o exército deles. O senhor quer mesmo confiar o destino do país a um menino de dezesseis anos?

Um dos assistentes sussurra no ouvido da mulher de coque.

— Parece que esse John Smith é bem-aceito entre a nação. O povo o *ama*. Pelo menos é o que diz a pesquisa.

— Na melhor das hipóteses, esses garotos são bombas-relógio — debocha um homem à mesa. — Por mim, não ficaria na mesma sala de um garoto pubescente que pode arrancar minha cabeça com um pensamento.

Lawson sorri.

— Aposto que nossos inimigos sentem o mesmo.

— Gostem ou não, os Gardes são a melhor chance de derrotar os mogadorianos sem uma guerra em larga escala — concluo.

— Se eles querem lutar, deveriam lutar sob nosso comando.

— Sem querer ofender, general, mas o governo não tem um bom histórico no que diz respeito aos lorientos.

— Estamos falando de menos de dez Gardes e seus aliados, certo? — pergunta Jackson. Ele se vira para um assistente. — Prepare uma videoconferência com nossa equipe na zona de evacuação do Brooklyn. Quero que esses Gardes sejam encontrados.

Quero falar com John Smith. *Depois* pensamos que rumo tomaremos.

Um dos assistentes de Jackson respira fundo e corre até ele, colocando um tablet diante do chefe e sussurrando alguma coisa que não escuto.

O presidente arregala os olhos.

— Senhor... — começo.

Ele ergue a mão.

— Tenho operações militares para coordenar e uma nação apavorada para administrar. Entrarei em contato quando tivermos mais perguntas.

E assim, Richards me leva para o corredor.

— Mas, senhor... — insisto, só que todos na sala já voltaram a atenção para um dos monitores na parede, onde o assistente está exibindo um vídeo.

A última coisa que vejo antes de as portas do centro de comando se fecharem são os olhos pretos de Setrákus Ra na tela.

CAPÍTULO DEZ

Nem Richards nem eu falamos no caminho até o quarto. Por mim, tudo bem. Estou ocupado demais imaginando quais são as exigências de Ra e repassando todas as formas como eu deveria ter formulado meus argumentos no centro de comando, como eu poderia ter ajudado mais a Sam e aos lorienos.

Quando voltamos, Briggs está parado diante da porta, apoiado em uma muleta.

— O major Briggs foi designado para proteger você — informa Richards.

— Você quer dizer me *vigiar* — retruco.

Briggs não faz contato visual.

— É um procedimento padrão — diz Richards. — Os convidados sempre têm um acompanhante. É para sua própria segurança.

— Sabe, eu posso ser útil — continuo. — Arrume dados para eu examinar. Um computador. Caramba, não tenho nada para fazer além de olhar para as paredes. É uma cela. Até prisioneiros têm acesso a bibliotecas.

— É temporário — explica Richards, franzindo o cenho. — Olha só, todos estamos tentando seguir ao máximo o protocolo. A quantidade de decisões que precisam ser tomadas aqui...

Ele balança a cabeça e continua:

— Voltarei mais tarde. Tenho certeza de que o presidente vai querer falar com você depois de todos terem digerido o que explicou na reunião.

— Pode pelo menos me contar se eles encontrarem os Gardes?

— Você será informado de qualquer questão não confidencial considerada relevante na sua situação. Agora, por favor...

Entro e bato a porta. Na mesma hora me sinto um idiota, como uma criança que vai para o quarto batendo o pé com raiva dos pais. Mas *estou* com raiva. Por não ter tido notícias de Sam. Por ser tratado como um prisioneiro. Por, apesar de tudo o que foi feito para tentar proteger a Terra, os Gardes ainda serem vistos como possíveis inimigos.

Deito na cama agitado, tentando me acalmar. Começo a contar de cem a zero, algo que fazia quando os mogs me deixavam consciente — qualquer coisa para afastar a mente das coisas horríveis que estavam por vir. Em algum lugar perto do cinquenta, durmo de novo, meu corpo tentando compensar todo o sono perdido dos últimos dias.

Depois de algumas horas de cochilo sem sonhos, meu telefone toca. Desperto de imediato, entrando no banheiro, trancando a porta e abrindo as torneiras de novo.

Não reconheço o número.

— Alô? — atendo, prendendo a respiração enquanto espero ouvir quem está do outro lado da linha.

— Oi, pai — diz Sam. — Achei que você não ia atender.

Apesar de tudo o que está acontecendo, no momento em que ouço a voz dele tudo fica bem. Sou tomado pelo alívio e, por um breve instante, sinto que posso desmoronar. Apoio as costas na parede e me deixo cair no chão.

— Estou aqui, filho. Onde você está? O que está acontecendo? Você está em segurança?

Fecho a boca antes de fazer mais mil perguntas.

— Estou em segurança, sim — responde ele. — John e eu estamos no Brooklyn. Quando o ataque começou, tentamos salvar o máximo de gente que conseguimos. Depois começamos a procurar por Nove, mas a equipe de Walker nos encontrou no metrô e nos

trouxe para um acampamento temporário. Não sei se vão nos dar condecorações, se querem nos alistar ou nos prender.

Há muita coisa que eu poderia responder em relação a isso, mas percebo que Sam tem alguma outra coisa em mente, pelo tom cantado de sua voz. Alguma coisa que não está me contando. Saber o que é parece muito mais importante do que contar o que aconteceu comigo.

— E aí? — pergunto. — Qual é o problema?

— Não há nada de *errado* — diz ele, pronunciando as palavras devagar. — Pelo menos, acho que não. Mas, pai... você está sentado?

— Estou.

— Hum, não sei bem como explicar, mas... Tenho Legados agora. Ou pelo menos telecinesia. Tinha um piken vindo contra nós, e eu... *consegui*. Eu o empurrei com o pensamento, como se fosse John, Seis ou Luke Skywalker... Sou tipo um *Jedi*. E estou usando isso o dia todo.

Minha boca faz barulhos que não passam de sílabas avulsas e vogais malformadas. Não consigo processar o que ele está falando.

Meu filho tem poderes? Como? Por quê?

O que isso quer dizer?

— Pois é — conclui Sam, em resposta à minha falta de coerência. — Foi mais ou menos assim que me senti no começo também.

— Mas como é possível? — pergunto, por fim. — John transferiu os poderes dele para você ou...?

— Acho que não. Ele está tão confuso quanto eu. Ah, e nós conhecemos outra pessoa na cidade. Uma menina qualquer que nunca tinha ouvido falar dos loriens ou dos mogs até hoje. Ela também tem poderes. Pai... e se houver outros por aí? Tipo, e se humanos de todo o planeta começarem a ter Legados?

As implicações são extraordinárias — ainda mais em termos de proteger a Terra. Que força tem a capacidade de conceder

habilidades assim? Talvez alguma coisa que encontraram no Santuário? Adam e os outros estão bem?

— Pai? Você está aí?

— Sim, eu só estou... tentando entender — digo, minha cabeça ainda processando.

Um sorriso toma conta do meu rosto quando me dou conta de que, se Sam tem este poder, vai conseguir se proteger melhor.

— Vamos dar um passo de cada vez. Qual é o próximo movimento de vocês?

— Hum, não sei bem. John está conversando com Walker. Nove e Cinco estão aqui por perto, brigando. Vou mantendo você atualizado. E você?

Faço um resumo do que aconteceu depois que ele partiu. No geral, Sam responde com "O quê?!" e variações de "Ai, caramba!". Conto que naquela manhã falei com o presidente.

— Nossa. Parece que você ganhou status de astro de rock.

Olho de um lado a outro do banheiro, penso no espaço que fui orientado a não deixar.

— Mais ou menos — digo.

— Pelo menos vocês não estão presos em Ashwood. Iam acabar ficando sem waffles.

Levo um segundo para me dar conta de que ele deve estar pensando que os agentes de Walker estão comigo, mas não tenho a oportunidade de corrigi-lo. Ouço vozes do lado dele da linha, mas não entendo o que dizem.

— Droga, pai, preciso ir. Falo com você logo, certo? Fique bem.

— Você também, filho. Você também.

Ele desliga. Fico sentado no chão, tentando entender o que tudo isso poderia significar.

Faz alguns minutos que desliguei o telefone quando batem de novo na porta. Abro esperando ver Richards pronto para me arrastar para mais uma reunião ou coisa parecida, mas é Briggs.

— Oi — diz ele, ainda de muleta e segurando uma caixa de papelão em que alguém escreveu “rosbife”. — Almoço.

— Obrigado — respondo, pegando a comida. — Como está a perna?

— Muito melhor, obrigado. Eles têm uma enfermaria de primeira aqui embaixo. Nunca vi algumas daquelas máquinas.

— Está se divertindo no corredor?

Ele dá de ombros.

— Devo avisar se você for a algum lugar, mas não devo impedi-lo de ir. Você não é um prisioneiro ou coisa parecida.

Ele parece um pouco constrangido ao admitir.

— Ah — prossegue ele, tirando um livro de baixo do braço e o entregando para mim: *O único e eterno rei*, de T.H. White. — Tome. Havia uns livros na sala de recreação, mas acho que os outros eram guias de campo e manuais de operação.

— Obrigado.

Ele ainda não está me encarando. Parece mais simpático do que ontem... por quê?

— Enfim, achei ter ouvido um telefone tocar. Mas isso é impossível, já que não tem como conseguir sinal aqui embaixo.

Não digo nada. Ele faz um sinal para trás de mim, e eu abro mais a porta para que entre.

— Seu telefone funciona aqui? — sussurra ele quando a porta se fecha atrás de nós.

Mal o escuto e respondo no mesmo tom cochichado.

— Pelo jeito, sim. Como eu disse antes, é uma longa história.

— Nós não podemos ter qualquer comunicação com o mundo lá fora. Eu deveria confiscar o aparelho.

Droga. Não posso deixá-lo pegar minha única conexão com meu filho. É por isso que ele parece tão hesitante?

— Olha só, as únicas pessoas que têm esse número são pessoas em quem podemos confiar. É importante que eu mantenha contato. Eles sabem mais sobre o que está acontecendo lá fora do que nós.

Briggs me encara, sem piscar, pelo que parece um longo tempo. Por fim, volta a falar.

— Será que eu... — Ele hesita, olhando para o piso de concreto.
— Será que eu posso fazer uma ligação rápida?

Solto um suspiro de alívio e faço um sinal para ele me acompanhar até o banheiro, onde abro a torneira.

— Aqui.

Mudo o sinal de chamada para vibrar antes de entregar o aparelho, me sentindo um idiota por não ter feito isso antes.

Ele olha para o telefone como se eu tivesse acabado de largar uma granada — algo me diz que talvez seja a primeira vez que ele desobedece a uma ordem. Ou talvez seja apenas o medo do que possa vir do outro lado da linha. Enquanto ele digita o número e leva o telefone à orelha, suas mãos tremem um pouco. Durante os toques, sua respiração vai ficando cada vez mais rápida, e ele enrijece o maxilar. Ouço os toques continuando, cinco, seis vezes.

Enfim, alguém atende.

Toda a postura de Briggs muda. Ele relaxa. Por um instante, acho que vai desmaiar.

— Mãe — diz ele.

Saio do banheiro para lhe dar um instante de privacidade. Sento na cama e apoio a cabeça nas mãos. Minha cabeça ainda está a mil, tentando entender o que Sam me contou.

Meu filho. Com Legados.

Acho que sempre soube que ele era especial.

Só então penso de novo na reunião que tive, em como os Gardes são considerados aliados, mas também possíveis ameaças ao país.

E sinto um aperto no coração quando me dou conta de que isso também se aplica a Sam.

CAPÍTULO ONZE

No começo da noite, já li um quarto de *O único e eterno rei* quando batem de novo na porta, desta vez de um jeito rápido, quase nervoso. Enfio o telefone embaixo do travesseiro.

O livro cai da minha mão quando vejo o presidente parado no corredor, acompanhado por dois agentes do serviço secreto. Ele está suando, os olhos arregalados e avermelhados nos cantos.

— Aconteceu alguma coisa com minha filha — diz ele. — Por favor, você poderia falar com ela?

— É claro... — falo gaguejando, perplexo com a aparição dele. — Vou fazer tudo o que puder, mas... não sou médico.

Isso não parece importar, pois ele já está seguindo pelo corredor. Briggs encolhe os ombros, parecendo tão confuso quanto eu. Tudo o que posso fazer é segui-lo.

— Ela estava ótima — explica Jackson por cima do ombro. — O assessor me disse que ela estava vendo um filme quando de repente teve uma convulsão e alguma coisa estranha aconteceu com os olhos. Estavam brilhando. Então, ela perdeu a consciência por alguns segundos. Não faz sentido.

— Havia mais alguém com ela? — pergunto.

— Não. Minha mulher... estava na Califórnia quando tudo isso começou. Ela está em um esconderijo lá.

A voz é diferente daquela do homem que estava diante da mesa de funcionários do alto escalão de manhã. Temos mais em comum do que eu poderia imaginar. Ele também é um homem separado da família, incumbido de proteger não apenas o povo de seu país, mas

aqueles que ama. De tentar descobrir como manter todos a salvo ao mesmo tempo.

— Sua filha já teve convulsões antes? — pergunto.

— Nada. Os médicos daqui disseram que não conseguem diagnosticar nada de errado com ela. Ela diz que está bem, mas... está assustada. Nunca a vi agindo dessa maneira. Ela viu *alguma coisa* quando estava inconsciente. Uma sala de reunião em que havia um bando de adolescentes a quem ela se refere como “os mocinhos” e um homem muito mau.

Jackson para diante de uma porta protegida por guardas e se vira para mim.

— Ela viu Setrákus Ra. Não sei *como...* assim que as naves apareceram, fomos levados para os esconderijos, então ela não viu nenhuma das imagens. Mas ela o descreveu exatamente como ele estava logo depois de se transformar na ONU, e no vídeo que enviou esta manhã.

— Meu Deus... Espere, esse vídeo...

— Depois — retruca ele. — Por que ela está vendo o líder dos mogadorianos? É algum tipo de ataque?

Balanço a cabeça, sem saber ao certo. Mas então lembro que Ella e alguns outros Gardes já tiveram visões.

— Não é algo inédito — falo. — Setrákus Ra já invadiu sonhos antes, mas até onde sei seus alvos eram apenas os lorienos.

— Ela disse que havia centenas de pessoas que pareciam compartilhar essa... *visão*. Mostrei a ela uma foto de John Smith depois de ouvi-la descrever um menino que falou com eles. Era ele.

Jackson está com o rosto absolutamente confuso e me encara enquanto tenta compreender o que está acontecendo com a filha. Como não tenho nenhuma resposta para dar, ele entra pela porta.

É óbvio que a suíte presidencial no bunker é muito mais bem mobiliada do que a minha. Apesar da falta de janelas, parece um apartamento pequeno normal. A menina está sentada em um sofá branco felpudo. Seus cabelos escuros estão presos em um rabo de

cavalo. Ela tem quinze, talvez dezesseis anos. Uma mulher está sentada ao seu lado, tentando colocar um pano molhado em sua testa.

— Eu disse que estou *bem* — insiste a menina, empurrando a mulher.

— Obrigado, Vera — diz Jackson, dispensando a mulher. — Você pode sair por um instante? Tomar um pouco de ar fresco?

Não há ar fresco aqui embaixo, mas Vera entende e nos deixa a sós com a menina. Ela para ao lado da porta, olhando para nós três.

— Querem que eu mande mais alguém entrar? — pergunta ela, sem dúvida se perguntando se Jackson não se sentiria mais confortável com um agente do serviço secreto aqui.

— Não, obrigado, Vera.

Eu sei que não sou uma ameaça, mas é bom saber que Jackson também não me vê assim. Ou, o que é mais provável, isso só demonstra o quanto ele está desesperado.

O presidente se vira para a filha.

— Melanie, este é o Dr. Goode.

— Pode me chamar de Malcolm — digo, estendendo a mão.

Melanie olha para mim, então de volta para as próprias unhas, pontudas e pintadas de rosa-claro fosco. Ela parece nervosa e, pela forma como Jackson a observa, imagino que vê-la aflita não seja normal.

— Não sei de nada além do que contei a você, pai — murmura ela. — Tudo aconteceu muito rápido. Foi confuso.

— Certo — continua Jackson. — Eu contei a ele os pontos principais. Malcolm conhece os Gardes. Ele...

Ela se vira para mim com os olhos arregalados, enfim interessada.

— Você conhece John Smith? — pergunta ela.

— Conheço.

Ela abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, então fecha de novo. Como parece hesitante, continuo falando.

— Sam, meu filho, está com ele em Nova York. Lutando contra os mogs. John é o melhor amigo dele.

Será que Sam está em segurança? A pergunta está no fundo da minha mente, como sempre.

— Você também viu, então? — indaga ela.

Balanço a cabeça, negando. Ela franze a testa e desvia o olhar.

— Por que eu? — suplica ela. — Por que fui sugada para o sonho bizarro deles?

— Você consegue me contar mais alguma coisa? — pergunto. — Eles disseram de onde eram? Mencionaram...

Pauso para recordar e acrescento:

— ... um lugar chamado Santuário, talvez?

Ela balança a cabeça, estreitando os olhos, tentando se lembrar.

— Acho que não — diz ela. — Havia pessoas do mundo todo. Eles tinham... — Ela faz uma pausa. — Eles nos disseram que poderíamos viajar usando uma pedra tipo "lite", ou coisa parecida. Um monte delas apareceu em um mapa que uma menina assustadora nos mostrou.

— Loralite... — sussurro.

Não faz sentido. Pelo que sei, os Gardes precisavam do poder de teleporte de Oito para usar as pedras. Quando foi que isso mudou? Será que isso tem relação com os novos Legados?

— O que mais John disse? — pergunto.

— Ele queria que nos uníssemos a ele. Disse que podemos salvar o mundo se nos rebelarmos contra os malvados.

— E seu pai disse que Setrákus Ra estava lá. Ele... disse alguma coisa?

— Ele disse que viria atrás de nós. De *todos* nós. — Lágrimas escorrem pelo rosto dela. — Disse que ia matar cada um de nós que estava assistindo. Ele... pai, ele era horrível.

Jackson se agacha apoiado em um joelho e a puxa para si, me olhando com os dentes cerrados. Ponho a cabeça para funcionar, tentando entender o que poderia estar acontecendo. Parece que

John estava tentando *recrutar* pessoas, mas nenhum dos Gardes jamais demonstrou o poder de criar algum tipo de ilusão compartilhada antes. A menos que seja um novo Legado ou...

Novo.

Penso em Sam. E na menina que ele mencionou. No fato de que pode haver novos Gardes surgindo em todo o mundo.

— Melanie — digo baixinho. — Quando você começou a mover as coisas com a mente?

Estou arriscando, mas é claro que acertei em alguma coisa. Ela para de chorar. Para de *respirar*, na verdade. Devagar, ela se afasta do pai até seus olhos escuros estarem fixos nos meus.

— Como você...?

— A mesma coisa está acontecendo com meu filho — explico, raciocinando enquanto falo. — Acho que com um monte de gente no mundo. Provavelmente, todos os outros que você viu no sonho.

— Então não sou só eu? Achei... Estava com medo de ser a única. E achei que talvez estivesse ficando louca e que toda essa coisa do sonho era uma prova de que preciso ser internada em um hospício.

— Melanie, o que está acontecendo? — pergunta Jackson, olhando de mim para ela.

A voz dele está comedida, mas é impossível não perceber a urgência e a dor que esconde.

Melanie olha para ele, a expressão contorcida em uma estranha mistura de esperança e medo, uma ruga profunda aparecendo no espaço entre as sobrancelhas.

— Hoje de manhã eu estava olhando para uma foto da mamãe que eu trouxe comigo. Você já tinha saído. Eu só queria conversar com ela, queria que ela estivesse aqui. Então, a foto simplesmente flutuou até mim. Tipo, saiu voando da mesa de cabeceira e bateu no meu rosto. Eu... achei que havia sido algo que os alienígenas fizeram comigo. Como se eu fosse morrer. Mas daí *continuei* fazendo isso com as coisas.

— O quê?

A pergunta de Jackson é pouco mais do que um sussurro.

— Pode nos mostrar? — pergunto, olhando ao redor. Há uma garrafa d'água na mesinha de centro à nossa frente. — Ali. Você pode atrair a garrafa até você?

Ela se concentra. Aos poucos, a garrafa começa a se mexer até se erguer da mesa. A garrafa flutua no ar, espalhando água pelo gargalo. Jackson fica de pé em um salto.

— Querida... Você está fazendo isto? — indaga ele.

— Não fale comigo — pede ela, franzindo ainda mais as sobrancelhas. — Isto é difícil.

— Mas... como? Como você está...

— *Pai*, eu disse...

A garrafa de repente se amassa, espirrando para o alto um jato de água entre nós três. Em seguida, cai no chão.

— Não sou muito boa nisso — confessa Melanie, baixinho. — Meu quarto está... meio bagunçado.

— Por que não me contou isso? — pergunta Jackson.

Ele não para de balançar a cabeça, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça.

— Eu estava *assustada*.

Jackson sorri, mas então se dá conta de alguma coisa, porque seu rosto logo se contorce em sofrimento.

— Mutação — murmura ele. — Habilidades anormais...

— Não há nada a temer — digo, embora não tenha qualquer certeza disso. — Se bem que... Melanie, talvez você ganhe *mais* habilidades estranhas. Todos os Gardes têm mais de uma. Acho que telecinesia costuma ser a primeira a aparecer.

Ela olha para mim com imensos olhos castanhos, boquiaberta. Depois se vira para o pai.

— Precisamos ajudá-los.

— Quem, querida? — indaga Jackson.

— Os Gardes! — responde ela, em voz mais alta, mais séria. — Não podemos deixar aquele mostro vencê-los e depois pegar o resto

de nós. Ele já invadiu a Terra e destruiu Nova York. A forma como me encarou quando estava gritando, dizendo que ia me matar... que ia matar a todos nós...

Ela respira fundo e engole em seco, secando os olhos com o dorso das mãos, borrando o rímel e o delineador. Quando percebe o borrão, de repente parece envergonhada.

Jackson a abraça outra vez, e ela começa a despejar perguntas. Por que ela? Que outras habilidades os Gardes têm? Isso é contagioso?

Faço o melhor possível para tranquilizá-la, mas eu mesmo não tenho muitas respostas. Por fim, exausta, ela se vira para o pai.

— Vocês podem me deixar sozinha, só um instante? — pergunta.

— Melanie... — começa Jackson.

— Tipo *dez minutos*, pai — insiste ela. — Acabei de descobrir que tenho superpoderes e quero pirar um pouquinho. Sozinha.

Jackson concorda com a cabeça e se levanta, me guiando para o corredor. Assim que a porta se fecha, ele me puxa para longe do alcance dos agentes do serviço secreto e sussurra:

— O que há de *errado* com ela? — Sua respiração está vacilante, como se ele estivesse tentando não perder o controle. O que, considerando o que acabou de ver, não é de se estranhar. — Como isso aconteceu?

— Eu não sei ao certo o que está acontecendo, mas garanto que não há nada de *errado* com ela.

Isso sai em um tom um pouco mais ríspido do que eu esperava, provavelmente porque estou pensando em Sam de novo. Respiro fundo.

— Acho que está acontecendo com muita gente. Não sei com quantas pessoas ou como elas foram escolhidas, mas imagino que os mesmos poderes que os Gardes têm estejam sendo dados a humanos, jovens, em todo o mundo. Telecinesia. Talvez outras coisas, eu... não sei.

— Os Gardes fizeram isso?

— Acho que não. Quando eu... — Hesito, pois lembro que não deveria estar em contato com o mundo exterior. — Isso está acontecendo com meu filho, Sam, como eu disse. Quando falei com ele a respeito, tive a impressão de que os Gardes também ficaram surpresos quando ele demonstrou essa habilidade. E os mogs não iriam querer dar poder às pessoas que estão tentando derrotar. Não sei que força está atuando aqui.

Jackson continua balançando a cabeça, mexendo o maxilar para a frente e para trás enquanto eu falo. Ele processa as coisas por um instante, secando o suor da testa.

— Recebemos um vídeo esta manhã — conta ele, por fim. — Ra sabe sobre isso. Disse que são as “mutações” dos Gardes que estão dando poderes às pessoas. Ele insiste que lhe entreguemos qualquer um que demonstre habilidades anormais para ser submetido a “tratamento”.

Os olhos dele encontraram os meus.

— Ele quer minha filha.

— E meu filho — acrescento, sentindo minha pulsação dobrar de velocidade. Sempre foi perigoso enfrentar os mogadorianos, mas agora que ele tem poderes, será um alvo específico. — Não podemos deixar os mogs pegá-los.

— Claro que não — diz ele de imediato; então se recompõe. — Não sei se ele pode rastrear pessoas com novos poderes, mas se puder... Ele nos deu quarenta e oito horas para entregar os Gardes e qualquer outra pessoa que tenha sofrido mutação. Depois disso, irá declarar guerra.

— Não... — falo, um protesto inútil. — Você não pode entregar pessoas inocentes. E os Gardes são nossa única chance, como eu disse. Estão do nosso lado. Você precisa confiar em mim. Precisa acreditar neles. Caramba, dediquei anos tentando ajudá-los. Confiei a vida do meu filho a eles. Pense no que isso significa, de pai para pai. Você não pode entregá-los.

Jackson dá um soco na parede, enrijecendo o maxilar.

— Inferno! — exclama ele, desabafando toda a frustração e o medo. Em seguida, baixa o tom de voz. — Por que ela? Ela é uma adolescente. Uma *criança*.

— Pessoas da idade dela são o motivo pelo qual este planeta ainda não foi dominado. Vi garotos de dezesseis anos de idade destruírem esquadrões inteiros de mogadorianos. Eles andam em paredes, invocam tempestades... alguns podem curar feridas que seriam sentenças de morte. Mesmo os que não têm poderes estão lutando com cada ímpeto de força, fazendo o que podem.

— E não fazemos ideia de quantos desses adolescentes que acabaram de receber superpoderes estão nos Estados Unidos, certo? Meu Deus, estamos falando de cidadãos americanos. Não podemos entregá-los aos invasores.

Penso outra vez no que a filha dele disse, tentando entender tudo o que está acontecendo. O sonho compartilhado. As ameaças de Ra. As pedras de loralite.

— Se há áreas de teleporte surgindo pelo mundo, talvez você também vá lidar com uma leva desses indivíduos com novos poderes vindo para os Estados Unidos. Parece que John Smith está recrutando. E *ele* está em Nova York.

— Todo um exército de super-humanos adolescentes — resume Lawson atrás de mim. — Interessante.

Jackson lança um olhar incisivo ao general. Não sei há quanto tempo ele está parado perto de nós, mas é evidente que ouviu bastante coisa.

— Esses garotos de quem vocês estão falando poderiam ser bons soldados se lhes dermos uma liderança forte — sugere ele. — *Melanie* não, é claro. Ela ficará escondida por motivos de segurança. Mas, se há um exército de super-heróis novinhos em folha lá fora, vamos querer que lutem do *nosso* lado. Quanto mais rápido colocarmos uma coleira neles, melhores as coisas serão no longo prazo.

— Eles não são *cachorros*, general — retruco, me virando para ele.

Se tentar colocar uma coleira no meu filho, vou lembrar ao general de que não preciso de superpoderes para lutar.

— É claro que não. Eles parecem ser armas. Não é aonde você quer chegar?

— Eles são *garotos* — digo. — E devem estar aterrorizados.

— Bem-vindo à guerra, Sr. Goode — ironiza Lawson.

— *Doutor* — digo, uma correção mesquinha que eu não fazia há mais de uma década.

Sinto minha pulsação nas têmporas.

As narinas de Lawson tremem um pouco.

— Todos estão apavorados, *doutor*. É algo que podemos usar.

Viro as costas para ele.

— Senhor presidente, sei que é muita coisa para processar, tanto como pai quanto como líder. Mas lembre-se: o que quer que esteja acontecendo, sua filha está envolvida. Pode não ser uma loriena, mas pode muito bem ser Garde. Lembre-se disso quando tomar decisões. O senhor não pode entregá-los. Os Gardes *não são* inimigos. Os mogadorianos é que são.

Jackson me encara, assentindo com a cabeça, antes de se virar para Lawson.

— Se esses *Gardes humanos* começarem a aparecer nos Estados Unidos querendo lutar, nossa função será garantir que não façam nenhuma tolice, mas sem subjugá-los. Não podemos lutar uma guerra em duas frentes. General, convoque todos ao centro de comando em trinta minutos. Quero definir nosso plano de ação. Nossa principal ameaça no momento são os alienígenas cujas naves de guerra estão estacionadas sobre nossas cidades. Ainda temos mais de quarenta horas de “paz” para pensar em um plano. Ele contrai um pouco os lábios antes de prosseguir. — E quero conversar pessoalmente com John Smith.

— Sim, senhor — responde o general Lawson, desaparecendo em um corredor.

— E, Dr. Goode, quero que esteja lá também. Agora, se me der licença, vou ver como está minha filha.

Ele volta para a suíte, me deixando sozinho no corredor.

De volta ao meu quarto, Briggs está junto à porta, passando o peso do corpo do pé para a muleta.

— Eu ouvi, ahn... — diz ele. — Acho que alguma coisa estava zumbindo lá dentro um pouco mais cedo.

Não respondo. Tudo o que sei é que preciso pegar o telefone. Claro que tenho uma porção de chamadas perdidas do número pelo qual Sam me contatou mais cedo. Aperto todos os botões errados tentando discar, sem me preocupar em me esconder de algum grampo ou dispositivo de gravação. Enfim, a ligação completa.

— Pai?

A voz de Sam está nervosa, trêmula. Só me dou conta de que estava prendendo a respiração quando o escuto falar, então o ar sai dos meus pulmões com alívio.

— Sam, graças a Deus, o que houve? — pergunto. — Você está bem? Onde você está?

— Ah, que merda! — responde ele. — Achei que tivesse acontecido com você também. Eu...

Também?

— Eu estou bem, pai, mas... — Ao fundo, ouço gritos, aflitos e animalescos. — Uma coisa terrível aconteceu. Será que você poderia... pai, precisamos de você.

Não hesito em responder. Sei que em outro ponto deste bunker os líderes da nação estão se reunindo de novo. Há um lugar para mim à mesa deles.

Mas meu filho precisa de mim. E não é como se eu não pudesse aconselhar o presidente de longe.

— É claro, Sam — digo, fazendo um sinal para Gamera me seguir. — Só me diga para onde ir. Eu já estou a caminho.

— Eu... — Ele faz uma pausa. Quando fala de novo, parece estar segurando o telefone longe da orelha. — John, espera, onde você...? Ouço vozes sussurradas que não compreendo, e então...

— Pai, ligo para você em cinco minutos, está bem?

Ele desliga antes que eu faça qualquer uma das dezenas de perguntas que preciso de resposta, a principal sendo: *Que diabo aconteceu?*

Ainda assim, tenho cinco minutos para descobrir como fugir de um bunker secreto. Lembro que Richards disse que eu poderia ir embora a qualquer momento, mas que ele faria seus homens me acompanharem até a saída, se certificando de que eu não poderia levar ninguém de volta ao bunker. O tempo todo aquilo me pareceu uma ameaça mal disfarçada, mas não acho que o presidente deixaria Richards me matar — ainda mais agora. Ainda assim, seria mais rápido e fácil sair dali sem ser percebido.

O problema é que eu nem mesmo sei onde estou. A uns cem quilômetros da capital, se o trajeto de trem levou uma hora? Mais longe? E como eu faria para me locomover?

No corredor, Briggs percebe que há alguma coisa errada — e que eu estou dando no pé.

— Não — diz ele, balançando a cabeça.

— Achei que eu não fosse um prisioneiro — retruco.

Ele não tem uma resposta imediata.

— É meu filho — explico. — Eu preciso ir.

— Minhas ordens são de relatar...

— Por favor, Samuel — insisto. — É minha família. Se sua mãe estivesse com problemas, você iria, não é? Principalmente se ela estivesse envolvida em tudo o que está acontecendo, como meu menino está. Ele precisa de mim, e estou indo embora. Se você tentar me manter aqui, só vai assegurar minha recusa em ajudar.

Vejo o conflito nos olhos de Briggs. Ele olha para os corredores.

— Venha atrás de mim — diz ele. — Rápido.

Ele não espera minha resposta antes de seguir na direção oposta ao centro de comando e à suíte do presidente. Passamos por uma série de corredores cinzentos. Com a cabeça, ele cumprimenta as pessoas por quem passamos, que devem imaginar que estou sendo levado para algum compromisso. Por fim, chegamos à grande sala de concreto pela qual entramos no bunker. O vagão de trem ainda está no centro dela.

O homem de jaleco está com o rosto enterrado em um tablet. Ele levanta o olhar quando entramos.

— Estou aqui para lhe render, Joe — diz Briggs. — Senha Juliette Delta Kilo.

Joe — acho — estreita os olhos para nós.

— Só posso fazer um intervalo daqui a uma hora.

Briggs dá uma risadinha.

— Se quiser continuar trabalhando, por mim tudo bem.

O homem remexe o nariz ao voltar a atenção para mim, levantando a sobrancelha.

— Nosso convidado é cientista — explica Briggs, encolhendo os ombros. — Está interessado no software que usamos. Além disso, está um tédio horroroso lá embaixo, e ele está me divertindo com histórias sobre os ETs.

— Tá, tudo bem — murmura Joe.

Ele se levanta e sai, resmungando alguma coisa sobre como a comida dali é ruim. Briggs o olha furioso enquanto ele sai.

— Nós nos conhecemos há muito tempo — cochicha ele. — Esse cara é um babaca.

— Venha comigo — digo. — Você vai ficar encrencado quando descobrirem que me ajudou.

Ele balança a cabeça.

— Ficaria mais encrencado se desertasse. Além disso, tecnicamente você *não é* um prisioneiro. Vou dizer que você me manipulou e eu caí na sua conversa. O que não é muito longe da verdade. A menos que você queira bater na minha cabeça com

minha arma ou coisa parecida, mas acho que é mais fácil eles acreditarem que você foi mais esperto do que eu, e não mais forte. Sem ofensas.

— Briggs, eu... — Mas eu não sei o que dizer. — Obrigado.

Ele aciona os controles. Anoto números em um bloco que encontro ali perto.

— Este é meu número. Entregue isso para Richards. Diga a ele que é como Jackson pode entrar em contato comigo. Diga a eles... que é um assunto de família. Acredite se quiser, mas acho que o presidente vai compreender.

Na parede oposta, um painel de metal se abre na parede, revelando um pequeno elevador.

— Isso vai levar você até a superfície — explica Briggs, colocando o bilhete no bolso. — Em algum momento alguém vai sair atrás de você. É melhor não estar por perto quando isso acontecer. Podem insistir para você voltar.

— Acho que corri mais nos últimos dias do que em toda a minha vida — digo, avançando para o elevador.

Gamera vem zumbindo atrás de mim.

É só quando a porta começa a se fechar que me dou conta de que não sei o que me espera lá em cima.

— Espera, onde estamos?

— Richards não disse? Base Liberty.

Ele dá um sorrisinho antes de desaparecer atrás da porta de metal que está se fechando.

Subo o que parecem vários andares até finalmente parar. A porta se abre e, por um instante, o brilho do sol é ofuscante. Ando por um gramado cheio de agulhas de pinheiro enquanto meus olhos se acostumam com a luminosidade.

Eu me viro a tempo de acompanhar a parede atrás de mim se fechar, até se parecer com nada além de um pedaço qualquer do imenso muro de pedra à minha frente — uma espécie de represa. Dou alguns passos, tentando descobrir onde estou. É quando vejo

um folheto desbotado com um mapa no chão, semienterrado. “Reserva Liberty”, diz o papel. Espano a poeira. Segundo o mapa, estou a norte de Washington, não muito longe de Baltimore.

— Muito bem — digo, olhando para a libélula no meu ombro. — Vamos encontrar uma estrada.

Começo a correr. Gamera avança, transformando-se no ar até virar um cavalo. Ele recua e fica parado diante de mim, sacudindo a crina.

Acho que encontrei uma maneira mais rápida de sair de perto do bunker.

Meu telefone toca enquanto me acomodo no lombo de Gamera. Sam está do outro lado da linha quando atendo.

— Oi, pai — diz ele.

— Filho — respondo enquanto Gamera começa a galopar —, para onde vou?

SOBRE O AUTOR

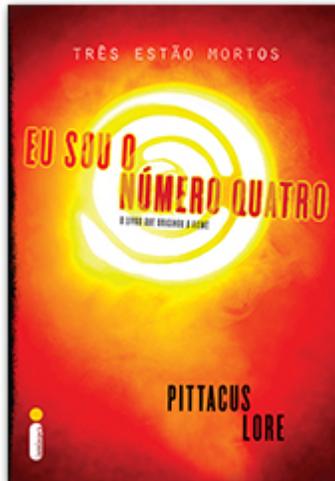


© Howard Huang

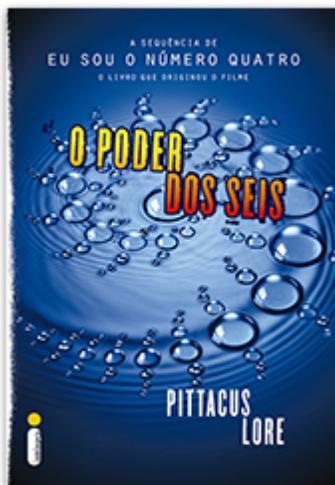
Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

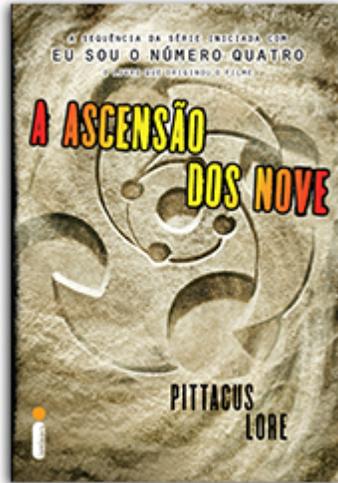
CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



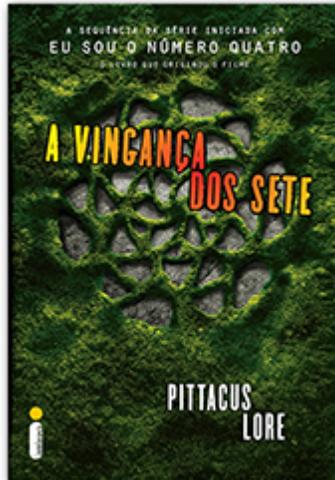
O poder dos seis



A ascensão dos nove



A queda dos cinco

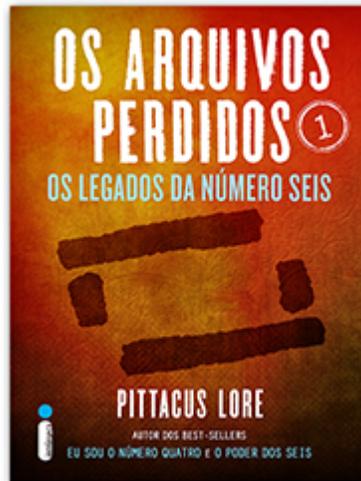


A vingança dos sete

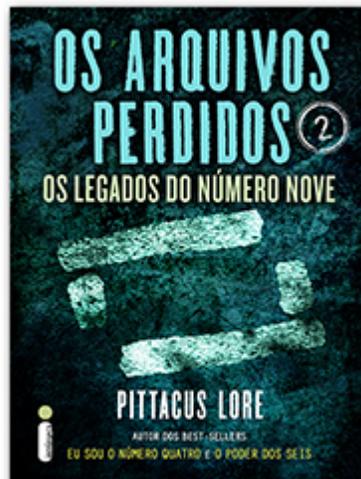


O destino da Número Dez

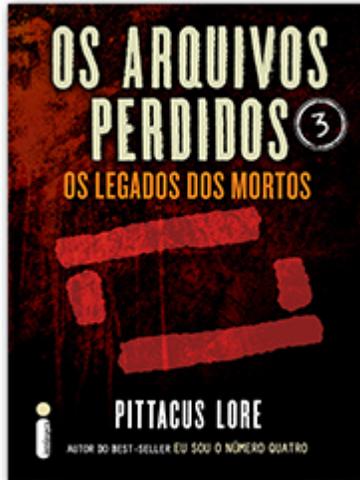
EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



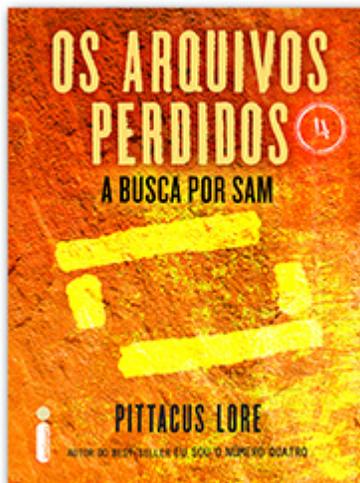
*Os Arquivos Perdidos 1:
Os Legados da Número Seis*



*Os Arquivos Perdidos 2:
Os Legados do Número Nove*



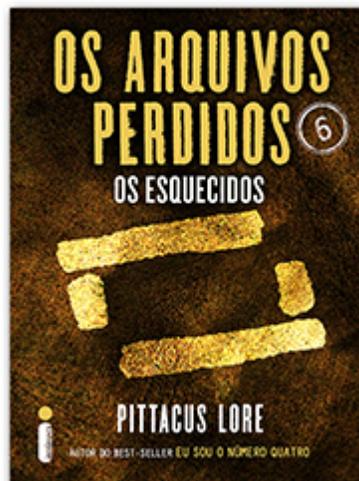
*Os Arquivos Perdidos 3:
Os Legados dos mortos*



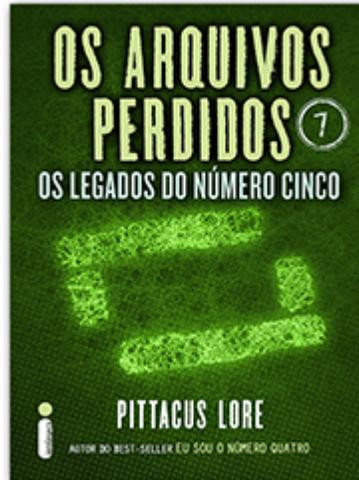
*Os Arquivos Perdidos 4:
A busca por Sam*



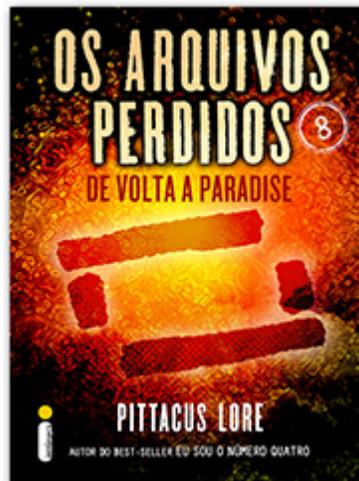
*Os Arquivos Perdidos 5:
Os últimos dias de Lorien*



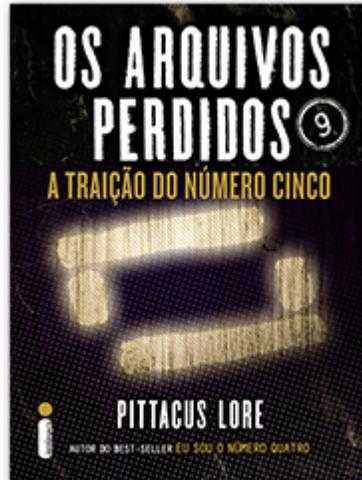
*Os Arquivos Perdidos 6:
Os esquecidos*



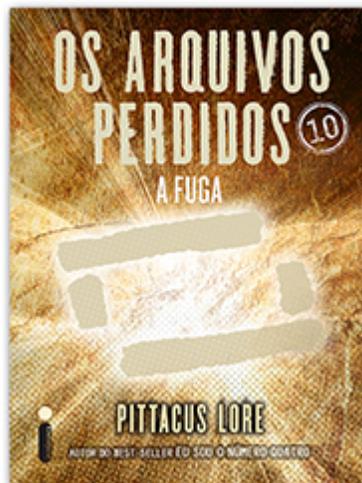
*Os Arquivos Perdidos 7:
Os Legados do Número Cinco*



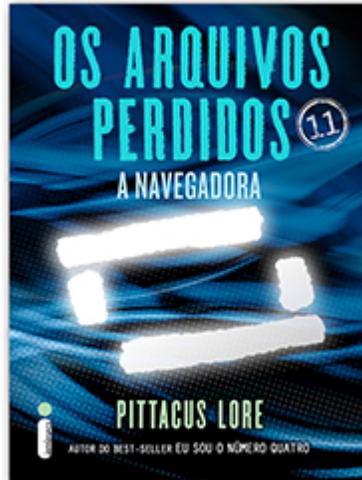
*Os Arquivos Perdidos 8:
De volta a Paradise*



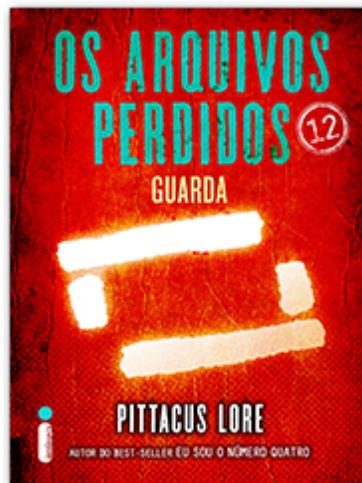
*Os Arquivos Perdidos 9:
A traição do Número Cinco*



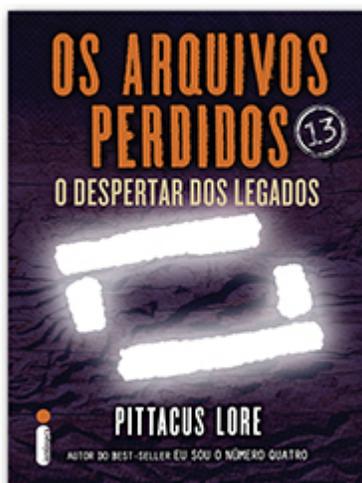
*Os Arquivos Perdidos 10:
A fuga*



*Os Arquivos Perdidos 11:
A navegadora*

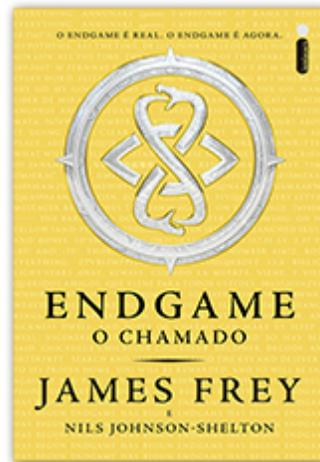


*Os Arquivos Perdidos 12:
Guarda*

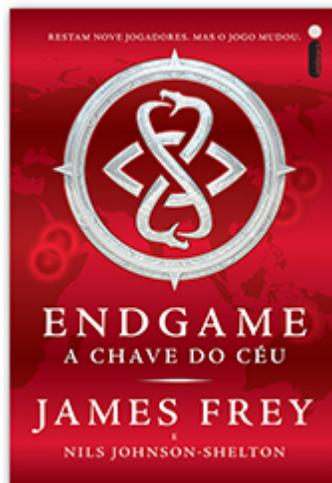


*Os Arquivos Perdidos 13:
O despertar dos legados*

LEIA TAMBÉM

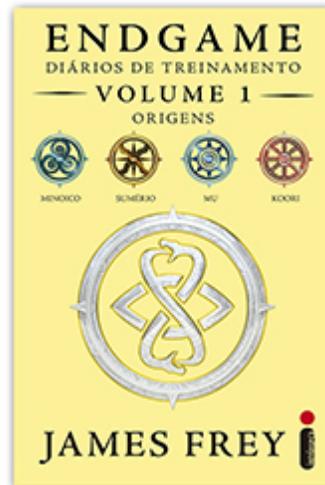


Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: A Chave do Céu
James Frey e Nils Johnson-Shelton

EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



*Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens
James Frey*



Endgame: Diários de Treinamento

Volume 2 – Descendência
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 3 – Existência
James Frey



Endgame: Linhagem Zero
Volume 1 – Despertar
James Frey



*Endgame: Linhagem Zero
Volume 2 – Avanço
James Frey*



*Endgame: Linhagem Zero
Volume 3 – Colheita
James Frey*